

Sistemas 4 **de Produção**

ISSN 1678-8850
Versão Eletrônica
Dezembro, 2011

**Sistema de Produção de Leitões
baseado em Planejamento,
Gestão e Padrões Operacionais**



ISSN 1678- 8850
Versão Eletrônica
Dezembro, 2011

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Suínos e Aves
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Sistemas de Produção 4

Sistema de Produção de Leitões baseado em Planejamento, Gestão e Padrões Operacionais

Jean Carlos Portos Vilas Boas Souza

Armando Lopes do Amaral

Nelson Morés

Sandro Luiz Treméa

Marcelo Miele

Autores

Embrapa Suínos e Aves
Concórdia, SC
2011

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Suínos e Aves

Rodovia BR 153 - KM 110
89.700-000, Concórdia-SC
Caixa Postal 21
Fone: (49) 3441 0400
Fax: (49) 3441 0497
<http://www.cnpsa.embrapa.br>
sac@cnpsa.embrapa.br

Comitê de Publicações da Embrapa Suínos e Aves

Presidente: Luizinho Caron
Secretária: Tânia M.B. Celant
Membros: Gerson N. Scheuermann
 Jean C.P.V.B. Souza
 Helenice Mazzuco
 Nelson Morés
 Rejane Schaefer
Suplentes: Mônica C. Ledur
 Rodrigo S. Nicoloso

Coordenação editorial: Tânia M.B. Celant
Revisão técnica: Luizinho Caron e Marcos A.Z. Mores
Revisão gramatical: Jean C.P.V.B. Souza
Normalização bibliográfica: Claudia A. Arrieche
Editoração eletrônica: Vivian Fracasso
Ilustração da capa: Única Propaganda

1ª edição

Versão eletrônica (2011)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Suínos e Aves

Sistema de produção de leitões baseado em planejamento, gestão e padrões operacionais / Jean Carlos Portos Vilas Boas Souza... [et al.] - Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2011.

99 p.; 21cm. (Sistema de Produção/Embrapa Suínos e Aves, ISSN 1678-8850; 4).

1. Sistema de produção. 2. Leitão ideal. I. Souza, Jean Carlos Portos Vilas Boas. II. Série.

CDD 636.4

© Embrapa 2011

Autores

Armando Lopes do Amaral

Biólogo, M. Sc. em Ciências Veterinárias, analista da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC, amaral@cnpsa.embrapa.br

Jean Carlos Porto Vilas Boas Souza

Jornalista, M. Sc. em Comunicação e Informação, jornalista da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC, jeanvb@cnpsa.embrapa.br

Nelson Morés

Médico Veterinário, M. Sc. em Patologia, pesquisador da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC, mores@cnpsa.embrapa.br

Sandro Luiz Treméa

Agrônomo, MBA em Marketing & Agribusiness, coordenador do projeto da Leitão Ideal da Aurora, Chapecó, SC

Marcelo Miele

Economista, D. Sc. em Agronegócio, pesquisador
da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC,
marcelo@cnpsa.embrapa.br

Sumário

Sistema de produção de leitões baseado em planejamento, gestão e padrões operacionais.....	7
A suinocultura brasileira.....	7
O Brasil e a concorrência internacional.....	7
O mercado brasileiro para a carne suína.....	9
Abates, produção, exportações e disponibilidade interna.....	12
Estratégias empresariais.....	13
Perfil da suinocultura industrial.....	15
Importância para o país da cadeia produtiva da carne suína.....	18
Planejamento, gestão e padrões operacionais.....	20
Padrão operacional 01 - Captar e armazenar água na propriedade.....	25
Padrão operacional 02 - Limpar reservatório de água potável.....	27
Padrão operacional 03 - Distribuir água na propriedade.....	29
Padrão operacional 04 - Higienizar baias e salas vazias - crechários e UPLs.....	30
Padrão operacional 05 - Receber e adaptar leitões e machos de reposição.....	32
Padrão operacional 06 - Descartar porcas e introduzir leitões de reposição.....	34
Padrão operacional 07 - Manejar leitões até a cobertura.....	36
Padrão operacional 08 - Manejar porcas em pré-cobertura.....	37
Padrão operacional 09 - Manejar porcas em gestação.....	39
Padrão operacional 10 - Alimentar leitões e matrizes.....	40

Padrão operacional 11 - Transferir porcas para a maternidade.....	42
Padrão operacional 12 - Assistir ao parto e leitões recém-nascidos.....	43
Padrão operacional 13 - Manejar porcas pós-parto e durante a lactação.....	46
Padrão operacional 14 - Desgastar dentes, cauterizar caudas, aplicar ferro e identificar leitões.....	48
Padrão operacional 15 - Manejar leitões durante a lactação.....	50
Padrão operacional 16 - Castrar leitões.....	52
Padrão operacional 17 - Desmamar leitões.....	53
Padrão operacional 18 - Identificar o cio.....	55
Padrão operacional 19 - Solicitar, transportar, receber e conservar o sêmen.....	57
Padrão operacional 20 - Realizar cobertura (inseminação artificial ou monta natural).....	59
Padrão operacional 21 - Conservar vacinas e vacinar animais.....	62
Padrão operacional 22 - Alimentar leitões na creche.....	65
Padrão operacional 23 - Manejar leitões na creche.....	68
Padrão operacional 24 - Controlar moscas (larvas e adultos).....	71
Ficha - Controle de aplicação de inseticida para controle de mosca.....	73
Padrão operacional 25 - Controlar ratos.....	74
Planilha de gerenciamento de controle de roedores.....	76
Padrão operacional 26 - Visita do técnico a propriedade UPL.....	77
Padrão operacional 27 - Visita técnica aos crechários.....	80
Padrão operacional 28 - Analisar qualidade da água na propriedade....	83
Ficha 01 - Controle de cobertura de matrizes.....	85
Ficha 02 - Adaptação e anotação do cio de leitões de reposição.....	86
Ficha 03 - Descarte de reprodutores.....	87
Ficha 04 - Mapa de coberturas.....	88
Ficha 05 - Controle reprodutivo de matrizes.....	89
Ficha 06 - Controle de temperatura do conservador de sêmen.....	90
Ficha 07 - Arraçamento de leitões, matrizes e creches.....	91
Ficha 08 - Indicadores mais relevantes - avaliação cumulativa.....	92
Ficha 09 - Controle de produção da granja.....	93
Ficha 10 - Controle médio de produtividade dos lotes.....	95
Ficha 11 - Indicadores mais relevantes para os crechários.....	96
Considerações finais	97
Referências	98

Sistema de Produção de Leitões baseado em Planejamento, Gestão e Padrões Operacionais

Jean Carlos Portos Vilas Boas Souza

Armando Lopes do Amaral

Nelson Morés

Sandro Luiz Treméa

Marcelo Miele

A suinocultura brasileira

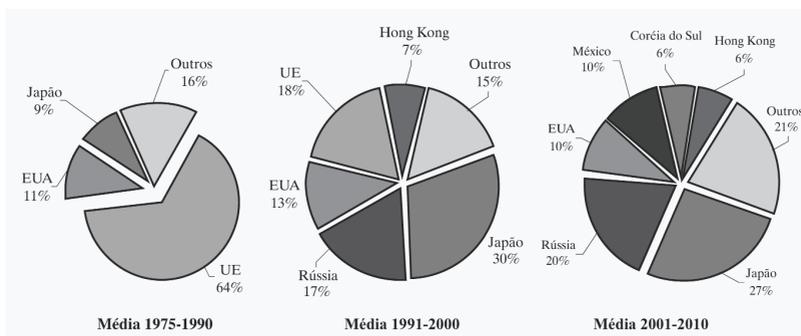
A carne suína é a fonte de proteína animal mais consumida do mundo. A produção de 2011 chegou a 100,07 milhões de toneladas e se concentrou na China (51,5 t), União Europeia (22,1 t) e Estados Unidos (10,2 t) (EMBRAPA SUÍNOS E AVES, 2011). O Brasil é o quarto maior produtor e exportador, com 3,3% da produção, 12,5% das exportações e crescente inserção internacional. Nas últimas três décadas, a suinocultura brasileira passou por mudanças organizacionais que permitiram um contínuo incremento tecnológico. Esse movimento conjuntural fez com que o Brasil ganhasse no período a condição de um dos principais players do mercado internacional.

O Brasil e a concorrência internacional

O mercado internacional de carne suína movimentou em 2010 US\$ 13 bilhões e 5,6 milhões de toneladas, tendo quase triplicado de tamanho desde 1975 (FAO, 2010; USDA, 2010). O comércio mundial concentra-se em seis importadores, com aproximadamente dois terços das importações mundiais, e cinco exportadores, com a quase totalidade das exportações mundiais (Figuras 1 e 2). Merecem destaque neste cenário

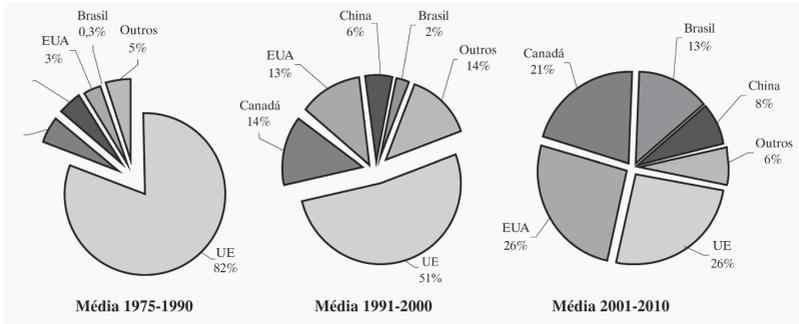
as seguintes mudanças:

- Redução contínua da participação da União Europeia (UE) nas importações e nas exportações mundiais, tendo em vista o incremento do comércio intrabloco a partir da incorporação de países produtores de carne suína, com destaque para os do Leste Europeu.
- A configuração de grandes importadores líquidos, como Japão, Rússia, México, Coreia do Sul e Hong Kong, bem como o aumento de inúmeros médios e pequenos importadores, apontando para um maior dinamismo e a existência de nichos a serem explorados.
- A configuração de grandes exportadores líquidos, como EUA, UE, Canadá e Brasil, que são os principais players globais.
- Os principais fluxos concentram-se nas exportações da UE e do NAFTA para o Leste Asiático, no comércio intrabloco e nas importações da Federação Russa nas quais o Brasil tem destacada participação.



Fonte: USDA

Figura 1. Principais países importadores de carne suína e participação de mercado



Fonte: ABIPECS para Brasil e USDA para demais países

Figura 2. Principais países exportadores de carne suína e participação de mercado

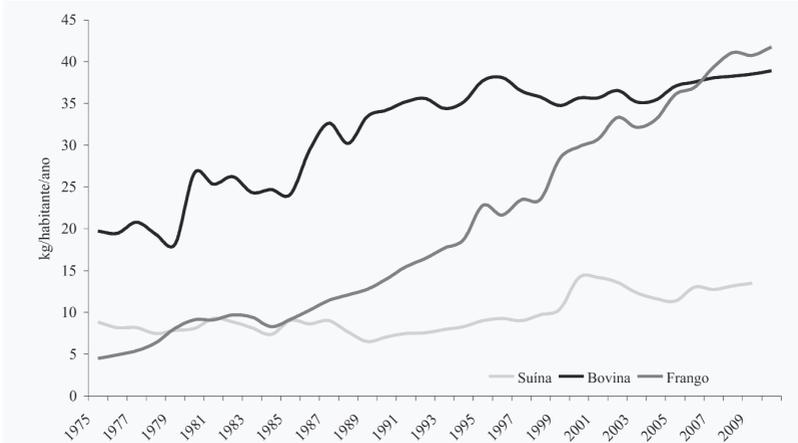
Neste cenário, o desempenho brasileiro é positivo, passando de uma posição inexpressiva nas exportações mundiais, nas décadas de 1970 e 1980, para uma participação média de 2% na década de 1990 e 13% no período de 2001 a 2010 (Figura 2), com aproximadamente 530 a 600 mil toneladas exportadas em 2010, atingindo o faturamento recorde de US\$ 1,5 bilhão em 2008 (ABIPECS, 2010). Neste período, as exportações brasileiras cresceram acima da média dos demais competidores, apesar do acirramento da concorrência, do aumento do protecionismo e da incerteza sanitária relacionada ao rebanho bovino, que tiveram impacto restritivo nos volumes exportados em alguns anos.

O mercado brasileiro para a carne suína

O consumo per capita de carne suína no Brasil é inferior ao das carnes de frango e boi. É inferior também ao consumo de carne suína nos principais países produtores e consumidores (Figuras 3 e 4). Nas últimas décadas ocorreu um enorme crescimento no consumo per capita de carne de frango, que ultrapassou o de carne bovina, enquanto que o de carne suína apresentou crescimento moderado.

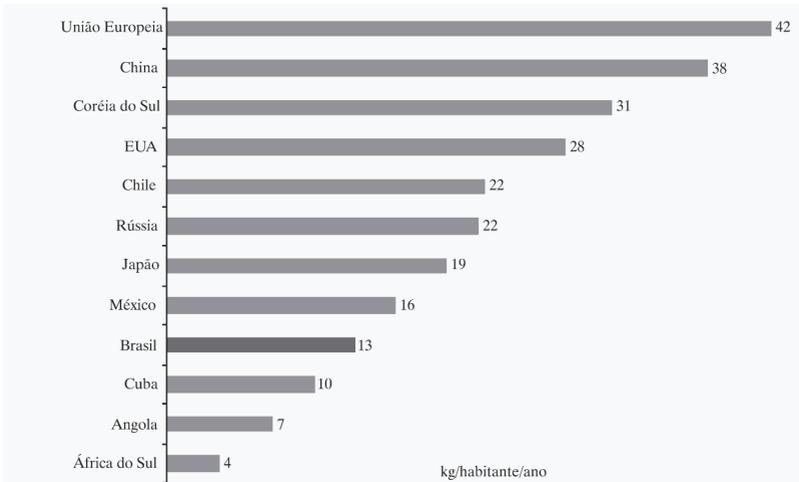
Apesar disso, o mercado interno é dinâmico e atrativo, tendo em vista o tamanho da população brasileira (5º país mais populoso) e, mais

recentemente, o aumento do poder aquisitivo das classes C e D. Isso serviu de base para a expansão das agroindústrias líderes e também abriu espaços diferenciados para micro, pequenas e médias empresas que atuam em nichos.



Fonte: ABEF, ABIPECS, IBGE

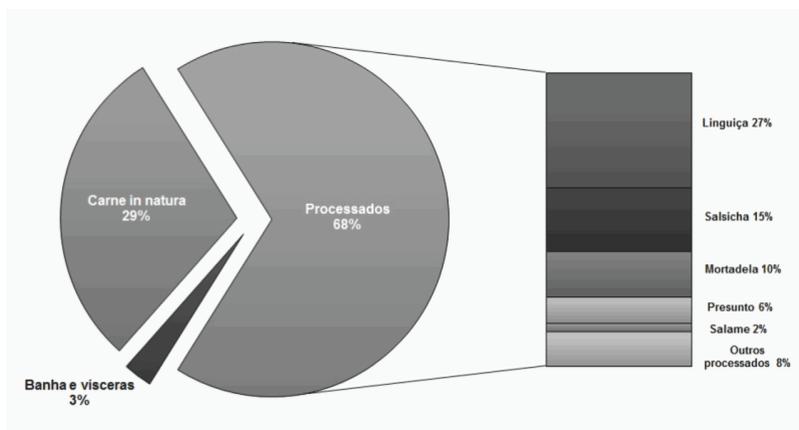
Figura 3. Consumo per capita de carnes bovina, de frango e suína no Brasil



Fonte: Abipecs e Embrapa Suínos e Aves para Brasil, USDA para demais países

Figura 4. Consumo per capita de carne suína em países selecionados em 2009

O consumo de carne suína no Brasil ocorre preferencialmente através de produtos processados, em detrimento da carne suína in natura (Figura 5). Em termos de locais de consumo, 69% das despesas com alimentação do brasileiro ocorrem no domicílio e 31% fora dele, em bares, restaurantes, lanchonetes e cozinhas industriais. Estima-se que o mercado interno de carne suína e seus derivados (produtos processados) tenha sido de US\$ 8,4 bilhões em 2008. Além disso, ressalta-se que ainda há uma significativa participação do consumo de carne suína in natura suprido através da produção própria, que não está contabilizada neste valor.



Fonte: IBGE / Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008.

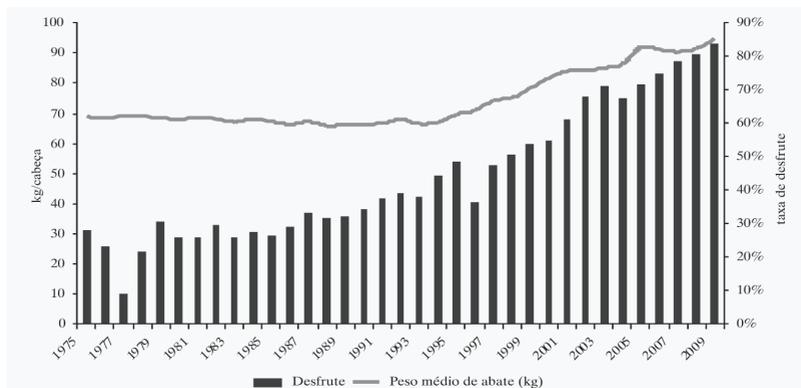
Figura 5. Aquisição domiciliar por tipo de produto derivado da suinocultura

O mercado interno com mais de 191 milhões de habitantes e o seu dinamismo (em grande parte devido ao aumento dos salários) têm garantido uma sólida base de expansão da cadeia produtiva, sobretudo nos anos de retração da demanda externa. O consumo doméstico tem potencial de crescimento, não apenas em função do aumento populacional ou do poder aquisitivo, mas também devido às ações de promoção da carne suína junto a consumidores e redes de varejo, busca de padrões de qualidade, desenvolvimento de cortes especiais e investimentos em linhas de corte e em logística de frio. Outro fator que pode

contribuir para o crescimento do mercado interno é a incorporação pela cadeia produtiva de parcelas do consumo supridas através da produção própria, sobretudo na carne in natura.

Abates, produção, exportações e disponibilidade interna

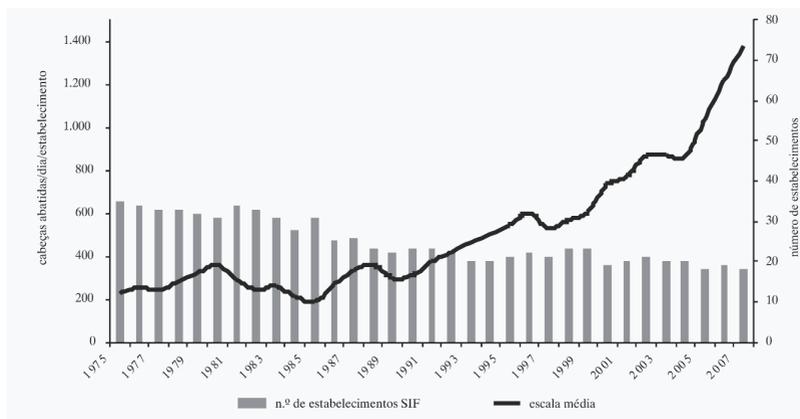
Os abates acompanharam a demanda interna e a crescente participação do Brasil no mercado internacional, puxados pela produção sob inspeção federal (SIF), que atingiu a marca de 29 milhões de cabeças em 2010 (MAPA, 2010). Os abates totais, que abrangem também os sistemas de inspeção estaduais e municipais, somaram 32 milhões de cabeças em 2010 (IBGE, 2010). O crescimento dos abates acelerou nos anos 90 e se intensificou a partir da abertura do mercado russo para as exportações brasileiras. O suprimento de animais para esta expansão ocorreu a partir do avanço da suinocultura industrial, baseada em criações intensivas e tecnificadas. Enquanto que o rebanho encontra-se atualmente em níveis semelhantes aos de 1975, com 38 milhões de cabeças (IBGE), os abates quadruplicaram e a produção de carne cresceu seis vezes em 35 anos, o que se evidencia na elevação da taxa de desfrute e do peso médio de abate (Figura 6).



Elaborado pelos autores a partir de IBGE, 2010

Figura 6. Peso médio de abate e taxa de desfrute na suinocultura brasileira

Considerando os abates inspecionados e a produção própria (autoconsumo na propriedade e subsistência), estima-se que a oferta de carne suína atingiu 3,2 milhões de toneladas em 2010 (Abipecs e Embrapa Suínos e Aves). As exportações absorveram em média 18% da produção nos últimos cinco anos, chegando a 29% quando se considera apenas as empresas com inspeção federal aptas a exportar. A disponibilidade interna de carne suína tem sido determinada em grande parte pelas condições do mercado externo, oscilando entre 11 e 14 quilos consumidos anualmente por habitante no Brasil (Figuras 4 e 7).



Fonte: ABIPECS

Figura 7. Produção, exportações e disponibilidade interna de carne suína no Brasil

Estratégias empresariais

Existem dois grupos distintos de empresas e cooperativas que abatem suínos e processam carne suína no Brasil: as líderes de mercado e as organizações que atuam em mercados regionais e locais. Estima-se que o segmento de abate e processamento gerou um valor bruto de US\$ 7,1 bilhões em 2008.

Entre as líderes de mercado predomina a busca por ganhos de escala, a promoção da marca em produtos processados e a integração da produção. São organizações de grande porte, com mais de uma unidade industrial (multiplantas) e abrangência internacional. Esta ocorre não apenas através das exportações, mas a partir de investimentos produtivos e centros de distribuição em países importadores. A maioria é diversificada, também atuando no segmento de carne de frango (geralmente seu principal produto), laticínios, carne bovina e alimentos processados. Entre os produtos destas organizações predominam os processados em detrimento da carne fresca e congelada.

Do ponto de vista da extensão vertical das estratégias, verifica-se o controle da produção de insumos (fábricas de ração e genética) e a integração dos estabelecimentos suinícolas através de contratos, com a coordenação da cadeia produtiva. Essa forma de inserção da atividade pecuária é denominada no Brasil de integração, sistema no qual as agroindústrias fornecem ração, genética, logística e assistência técnica. A integração predomina na região Sul do país, mas está crescendo nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Um outro traço deste segmento é a sua expansão através de fusões e aquisições, que marcaram o desenvolvimento da cadeia produtiva. As duas empresas líderes de mercado formaram uma nova empresa, que passou a representar 28% dos abates e 39% das exportações, se consolidando em uma das líderes mundiais em alimentos. Além disso, a quinta empresa em volume de abates foi adquirida por uma empresa do segmento de carne bovina em expansão para suínos e aves.

As organizações de menor escala, voltadas a nichos de mercado, apresentam grande diversidade de formas e estratégias. São micro, pequenas e médias empresas e cooperativas, agroindústrias familiares e outras experiências associativas. Essas organizações têm uma abrangência local (dentro do município e seu entorno) ou regional (dentro do estado ou seu entorno).

Há grande heterogeneidade em termos de diversificação para outros segmentos da produção animal e na extensão da gama de produtos. Entretanto, destaca-se que têm importante papel na oferta de carne suína in natura, sobretudo porque se constituem em canais de comercialização mais curtos, próximos dos pontos de venda e consumo (CARNE..., 2009). Do ponto de vista da verticalização, também há grande diversidade, envolvendo desde suinocultores de grande porte que passaram a abater seus animais, passando por iniciativas associativas de coordenação da cadeia de suprimento (assimilando práticas da integração), até a compra de animais no mercado spot envolvendo desde suinocultores de grande porte que passaram a abater seus animais, passando por iniciativas associativas de coordenação da cadeia de suprimento (assimilando práticas da integração), até a compra de animais no mercado spot.

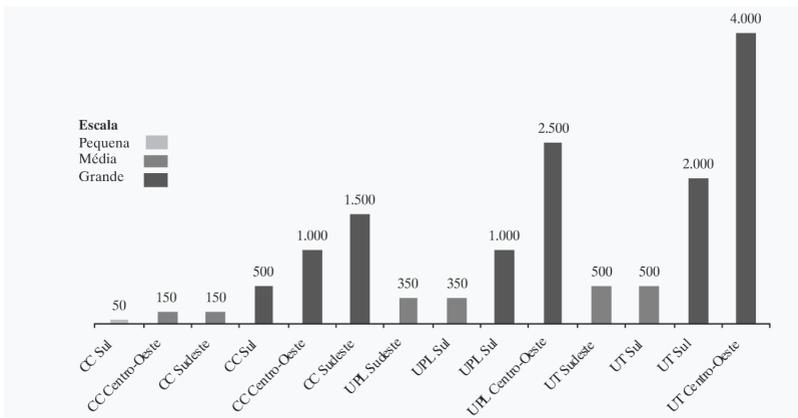
Perfil da suinocultura industrial

A suinocultura brasileira pode ser subdividida entre industrial (tecnificada) e de subsistência, com a presença de produtores familiares, patronais e empresariais. O rebanho da suinocultura industrial e a sua produtividade têm crescido de forma constante nos últimos anos. Este crescimento ocorreu nas principais regiões produtoras e se concentrou nos alojamentos ligados às integrações ou às cooperativas. Por outro lado, estima-se que o rebanho de subsistência venha decrescendo anualmente, perdendo espaço na suinocultura brasileira. Estima-se que em 2010 o alojamento de matrizes foi de 2,5 milhões de cabeças, das quais 65% compuseram o rebanho industrial (ABIPECS e Embrapa Suínos e Aves).

Em 2008, o Valor Bruto da Produção (VBP) da suinocultura foi de US\$ 5 bilhões (INDICADORES..., 2009). A suinocultura industrial engloba uma grande diversidade de produtores (familiares, patronais e empresariais) e está localizada em diferentes regiões. Um traço comum a toda esta diversidade são as profundas transformações organizacionais e tecnológicas da última década. Até meados dos anos 1990, predominava a produção em ciclo completo (CC), onde o mesmo estabelecimento

desenvolve todas as etapas de produção do animal. Verifica-se desde então um processo de mudança, com a segregação da produção em múltiplos sítios, em unidades produtoras de leitões (UPL) e unidades de crescimento e terminação (UT). Essa tendência à especialização nas etapas do processo produtivo ocorreu em todo o país, mas se dá de forma mais intensa entre as integrações na região Sul.

Concomitante ao processo de especialização, ocorreu o aumento de escala, com o aumento da produção e a redução no número de estabelecimentos suinícolas (HEIDEN, 2006). Em Santa Catarina, um estabelecimento suinícola característico dos anos 80 alojava cerca de nove matrizes, passando a mais de 20 matrizes no final dos anos 90. Atualmente, este sistema não é o mais utilizado no Estado e as escalas de produção passaram a variar de 50 a 500 matrizes em ciclo completo (CC), dependendo da região. Nos sistemas segregados (UPL e UT), apesar de mais recentes, também se verifica aumentos de escala significativos ao longo da última década (Figura 8).

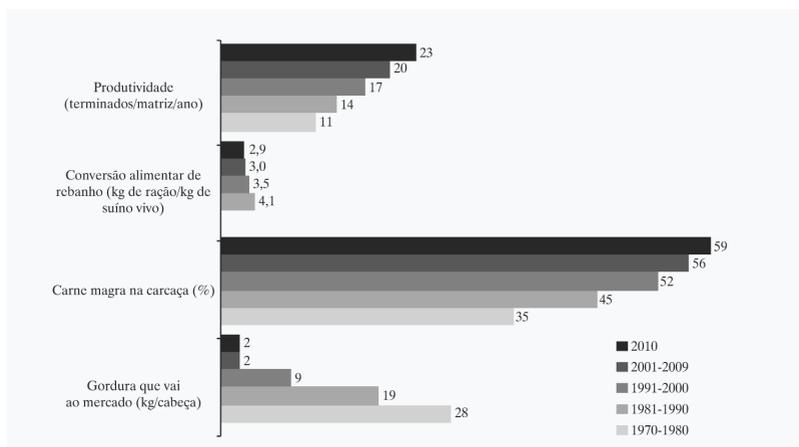


Obs.: Escala em CC ou UPL medida em n.º de matrizes; escala em UT medida em cabeças de suínos alojadas por lote.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da Embrapa Suínos e Aves/Conab para estimativa dos custos de produção.

Figura 8. Escala de produção predominante, por tipo de sistema, nas diferentes regiões brasileiras

Associados a essas mudanças organizacionais, ocorreram avanços tecnológicos em genética, sanidade, nutrição, instalações, manejo e bem-estar animal, com aumento da eficiência técnica em conversão alimentar e produtividade das matrizes, bem como da qualidade dos animais entregues ao abate via melhor rendimento de carne magra na carcaça e gordura (Figura 9).



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de consultas a especialistas; Gomes et al. (1992); ABIPECS e Embrapa Suínos e Aves.

Figura 9. Indicadores selecionados de eficiência técnica na suinocultura de Santa Catarina

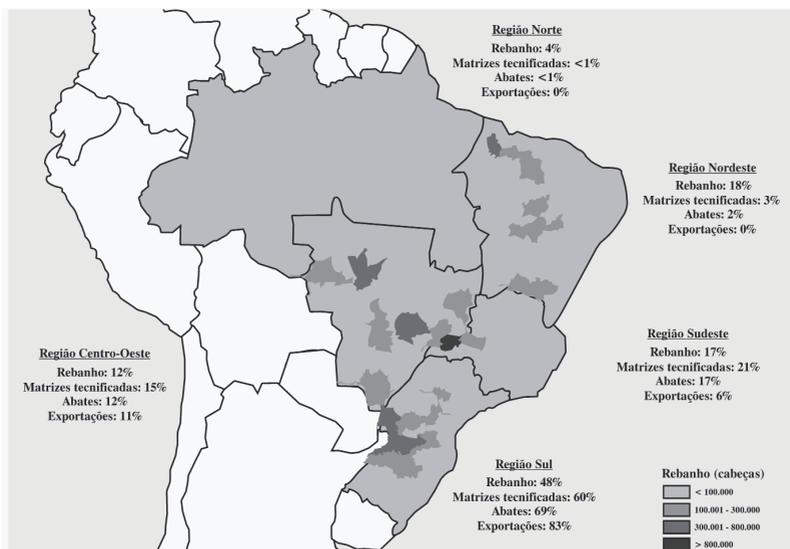
Em termos de diferenças regionais, destaca-se que a escala de produção na região Sul é inferior às demais regiões, com grande participação de agricultores familiares integrados às empresas e cooperativas agroindustriais.

Predomina a produção segregada em múltiplos sítios e especialização na atividade, com pouca produção de grãos. Mais recentemente, verifica-se uma diversificação para a bovinocultura de leite. Na região Sudeste predomina o sistema em CC não integrado (mercado spot), mas com aumento da participação de granjas integradas, com produção segregada com produção segregada, ligadas à expansão das agroindús-

trias líderes. Por fim, o Centro-Oeste é uma das principais regiões de expansão da fronteira agrícola no mundo. A suinocultura é uma atividade geralmente desenvolvida por produtores de grãos patronais ou empresariais que passaram a diversificar suas atividades e explorar ganhos de escala. Predomina o mercado spot e contratos de compra e venda (supply contracts), mas avançam as integrações a partir da instalação das agroindústrias líderes.

Importância para o país da cadeia produtiva da carne suína

Uma infinidade de atores e atividades se desenvolvem em torno da suinocultura, desde o produtor de grãos e fábricas de rações, passando pelas agroindústrias de abate e processamento, até o segmento de equipamentos, medicamentos, distribuição (atacado e varejo) e o consumidor final. Estas atividades e seus respectivos encadeamentos produtivos contribuíram decisivamente para o crescimento das regiões onde estão situados os principais pólos suínocolas no Brasil (Figura 10).



Fonte: ABIPECS (2008) e IBGE (2007, 2008)

Figura 10. Distribuição geográfica da suinocultura

Estima-se que o valor da cadeia produtiva da carne suína tenha sido de US\$ 9,8 bilhões em 2008, equivalente a 3% do agronegócio brasileiro. Em relação ao mercado de trabalho, a cadeia suínica também apresenta números significativos. A estimativa é que ela seja responsável por 173 mil empregos diretos e 462 mil indiretos, totalizando 635 mil postos de trabalho (MIELE; MACHADO, 2010).

Planejamento, gestão e padrões operacionais

Um sistema de produção de leitões, no caso da maior parte que suinocultura brasileira que gera renda e emprego, deve levar em consideração o ambiente da integração. O crescimento acelerado das agroindústrias, especialmente a partir da década de 70, teve como sustentáculo o modelo integrado de produção de suínos, que funciona até hoje de maneira semelhante. De forma geral, a empresa fornece os animais, a assistência técnica, as rações e medicamentos (há casos, em menor escala, que os animais são do suinocultor). A carga do agricultor fica as instalações, gestão ambiental, mão de obra que atenda as tecnológicas da integradora (em termos de genética, manejo, sanidade e equipamentos) e entregar os animais dentro de um determinado prazo e quesitos de qualidade e rastreabilidade. Fazer essa engrenagem tornar-se ainda mais eficiente depende de planejamento, gestão e aplicação de padrões operacionais.

A mudança mais importante ocorrida no sistema integrado aplicado à suinocultura foi a divisão da criação em diferentes fases de produção para maximizar os resultados. Essa mudança se disseminou há cerca de duas décadas e fez com que hoje predominassem cinco tipos de produtores. Um é o produtor de leitões, especializado na inseminação das fêmeas (pelo método natural ou artificial), gestação, parição e criação dos animais até o desmame ou até a saída da creche. Depois vem o crechário, que recebe os leitões desmamados e os cria até a saída da creche, com mais ou menos 60 dias de vida. O terceiro tipo é o terminador, que recebe os animais após a creche e os cria até os 150 dias, quando são entregues para abate com aproximadamente 115 kg. Ainda existe um quarto tipo de produtor, minoritário, que produz os animais do nascimento ao abate dentro da mesma granja, chamado de ciclo completo. O quinto tipo de produtor é o que trabalha dentro do sistema "*wean to finish*", recebe os leitões desmamados e une na mesma instalação a creche e a terminação. O que fica claro dentro dessas opções é que a agroindústria entende que a divisão da produção em fases é o

caminho mais indicado para aumentar a eficácia da integração.

É com base na especialização do produtor exigida pela integração que a Embrapa Suínos e Aves pensou o Sistema de Produção de Leitões baseado em Planejamento, Gestão e Padrões Operacionais. Há muita literatura a respeito de como se deve produzir leitões, mas praticamente inexitem publicações que descrevem de maneira simples as medidas indispensáveis para se obter sucesso dentro de um sistema de produção exigente como o da integração seguindo a lógica descritiva dos padrões operacionais. Como se sabe, um padrão operacional exige que se apresentem de forma simples e detalhada todos os passos, na voz imperativa, para o cumprimento de uma atividade. Mas antes de listar os padrões operacionais, é preciso compreender que o sucesso da produção começa no planejamento e na adoção de um modelo de gestão mínimo por parte do produtor.

Do ponto de vista do planejamento, a Embrapa Suínos e Aves indica que as granjas optem pela produção de suínos em lotes com o vazio sanitário entre eles. Desta forma, as instalações devem ser construídas em salas para cada fase de produção (maternidade, creche e crescimento/terminação). No caso de Unidades Produtoras de Leitões (UPL) para produção de leitões desmamados, a maternidade é a fase que precisa ser construída em salas. O objetivo é manter no mesmo ambiente (sala) os leitões com idades semelhantes. A principal vantagem desse sistema é a produção de suínos em lotes com vazio sanitário nas salas, o qual melhora o desempenho dos animais, diminui a transmissão de doenças, racionaliza, concentra e otimiza a utilização da mão-de-obra e organiza o uso das instalações. Além disso, o produtor visualiza melhor o desempenho produtivo da granja. No caso de granja nova, além de planejar as instalações visando a produção em lotes com vazio sanitário, o produtor deve sempre levar em consideração futuras ampliações. Em granjas já construídas, torna-se um pouco mais complicado o planejamento porque é necessário adequar as instalações ao plantel, ou o plantel às instalações.

O intervalo entre lotes e a idade do desmame definem o número de salas e o intervalo entre partos, juntamente com o intervalo entre lotes, define o número de lotes de porcas. Porém, o tamanho do plantel é definido pelo tamanho/capacidade das salas por fase de produção. Os intervalos entre lotes mais utilizados são de 7, 14, 21 e 28 dias ou suas combinações, mas é recomendado que cada granja utilize apenas um desses intervalos. Ressalta-se que as instalações são planejadas e definidas no momento da construção ou reforma da granja. Fica evidente, então, que as decisões tomadas no instante da edificação das instalações valem por um longo período, enquanto que os lotes de porcas são sempre ajustados a cada desmame/cobertura, considerando os descartes das porcas, a reposição das leitoas e os retornos ao cio.

Para uma boa gestão de uma granja, é fundamental, no entender da Embrapa Suínos e Aves, definir as metas de produtividade a serem atingidas e a forma como os dados serão anotados e organizados, dando clareza sobre a obtenção ou não das metas traçadas. Um aspecto importante detectado junto aos produtores foi a dificuldade que eles têm de registrar os dados para uma boa gestão da produção. Grande parte do sucesso de uma granja de suínos depende da avaliação/acompanhamento de indicadores de produtividade e da obtenção de bons índices produtivos, baseados em dados reais registrados na granja. No Brasil, existe uma variabilidade enorme de tamanho de granjas. Granjas grandes normalmente utilizam sistemas informatizados para subsidiar a gestão da granja, o que não acontece com granjas menores. Isto ocasiona enorme dificuldade para produtores e técnicos na hora de gerir a produção, pois como as informações do rebanho não são anotadas, ou o são de forma desorganizada, não possibilitam uma análise dos dados. Então, para que possa de fato gerir uma granja de suínos, o produtor necessariamente deve utilizar um sistema informatizado ou organizar as informações básicas da produção em fichas especiais que permitam a obtenção dos principais indicadores da produção (a Embrapa Suínos e Aves sugere como indicadores mínimos: taxa de parto de 90%, 12 leitões nascidos vivos por parto e uma taxa de 8% de mortalidade de leitões na maternidade). Essa forma de trabalhar acaba se transforman-

do num modelo de gestão, que irá fornecer índices produtivos mínimos da granja, capazes de orientar os produtores e técnicos na tomada de decisão e correção de possíveis falhas. Quando o produtor faz a gestão de sua granja de uma forma informatizada ou não, ele consegue visualizar melhor os índices produtivos que estão sendo obtidos e, quando for o caso, tomar medidas corretivas. Todavia, salienta-se que é fundamental fazer as anotações dos dados do rebanho de forma correta e analisá-los constantemente.

Os padrões operacionais descritos nesta publicação foram desenvolvidos em conjunto pela Embrapa Suínos e Aves e equipe técnica da Coopercentral Aurora (central que reúne 15 cooperativas agrícolas instaladas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná), dentro do Projeto Leitão Ideal, que iniciou em 2011 e será concluído em 2013. O exercício de unir o conhecimento científico com a prática da assistência técnica partiu de dois documentos. A Embrapa Suínos e Aves utilizou as Boas Práticas de Produção de Suínos, elaboradas em 1997 e atualizadas em 2006 pelo seu quadro de pesquisadores, com a intenção de descrever as condições ideais de produção. Já a Aurora possuía um Manual de Produção de Leitões, que orientava os técnicos encarregados de trabalhar com os produtores.

Após várias reuniões, os pesquisadores da Embrapa e os técnicos da Aurora chegaram a um consenso em relação a quantos e quais padrões operacionais deveriam ser descritos e implantados para atender todas as etapas da produção de leitões (também foi feito um consenso sobre o planejamento da produção mais apropriado à realidade da Aurora e a forma de gestão dos índices da granja). As escolhas feitas refletem a realidade da Aurora, mas certamente respondem, em sua maioria, às condições encontradas na suinocultura praticada nas principais regiões produtoras do Brasil. Por isso, os padrões descritos nesta publicação podem servir como referência para outras cooperativas ou empresas que atuam na produção de leitões.

É importante destacar que a forma com que o Sistema de Produção de Leitões baseado no Planejamento, Gestão e Padrões Operacionais foi concebido procurando dar ao produtor um controle total do processo e atingira produtividade mínima necessária para permanecer na atividade com lucro. De acordo com estudos da Embrapa Suínos e Aves, a linha mais provável que divide o lucro do prejuízo na produção de leitões é a marca de 24 leitões/porca/ano que é considerada, na média, como a produtividade mínima para se obter lucratividade dentro da suinocultura industrial. Ou seja, cada fêmea instalada na propriedade precisa produzir ao final de cada 12 meses 24 leitões, no mínimo. Há a certeza de que já existem as condições de genética, alimentação e equipamentos, na média, para que se alcance a produtividade mínima necessária em termos de rentabilidade na produção de leitões. Basta que o produtor planeje e organize de forma adequada o sistema de produção, comande a granja baseado em indicadores (de forma informatizada ou não) e reveja o que apregoam os padrões operacionais sempre que algum problema for detectado em qualquer etapa da produção.

Padrão Operacional 01 Captar e armazenar água na propriedade

Resultado esperado da tarefa

Captar e armazenar água na propriedade garantindo qualidade da mesma para o sistema de criação de suínos.

Materiais necessários

- Encanamento (recomenda-se usar PVC).
- Bomba de recalque (se a fonte estiver posicionada em um nível inferior ao reservatório).
- Bomba para poço artesiano.
- Material para proteção da fonte.
- Cerca para isolamento da fonte, se necessário.
- Cloro.
- Dosador para aplicação do cloro.

Atividades críticas

- Água a ser captada deve ser limpa e abundante, podendo ser de origem superficial ou profunda.
- Proteger a fonte de água de qualquer tipo de contaminação.
- Manter e recuperar a vegetação nativa ao redor.
- Impedir que outros animais tenham acesso à água da fonte.
- A captação de água pode ser por declividade natural ou por bombeamento.
- Para a captação da água por declividade natural os encanamentos devem ser colocados e afixados na fonte de captação que conduz a água naturalmente.
- Para a captação de água superficial por bombeamento, utilizar bombas específicas. As mesmas devem ser colocadas dentro da fonte de captação. Se existir sistema de automação programar para bombear no tempo e quantidade adequada. Se não existir sistema de automação, ligar manualmente sempre que necessário.

- Para captação de água subterrânea, instalar bombas específicas. As mesmas devem ser colocadas dentro da fonte de captação. Se existir sistema de automação, programar para bombear no tempo e quantidade adequada. Se não existir sistema de automação, ligar manualmente sempre que necessário.
- É desejável que a granja possua fonte alternativa de abastecimento de água, para suprimento em caso de falta de água na fonte principal.
- Para propriedades que em períodos críticos apresentam dificuldade de abastecimento, é importante coletar e armazenar a água da chuva através de cisternas.
- Respeitar a Legislação Ambiental vigente.
- Conduzir a água da fonte de captação até o reservatório sem deixar que sofra aquecimento. O material sugerido para condução da água são canos de PVC.
- Armazenar a água em reservatório fechado, protegido do calor e do acesso de animais. O material sugerido para o reservatório é caixa de fibra de vidro.
- Realizar o tratamento da água de acordo com orientações técnicas do produto utilizado. É obrigatória a cloração da água, dentro dos parâmetros recomendados.

Ações imediatas

Em caso de falta de água, se não houver fonte alternativa de abastecimento, providenciar caminhão-pipa.

Padrão Operacional 02

Limpar reservatórios de água potável

Resultado esperado da tarefa

Ter reservatório de água potável limpo, garantindo qualidade da água no sistema de criação de suínos.

Materiais necessários

- Desinfetante a base de cloro.
- Escova e/ou vassoura.
- Mangueira ou máquina de pressão.
- Escada.
- Copo dosador, se necessário.
- EPIs exigidos pelo fabricante do produto.

Atividades críticas

- Nas UPLs (Unidades Produtoras de Leitões), a limpeza do reservatório de água deve ser executada uma vez a cada seis meses.
- Fechar a entrada da água e se tiver animais nas instalações aguardar consumir quase toda água do reservatório.
- Fechar a saída da água para as instalações.
- Esvaziar o restante do reservatório, mantendo volume de água suficiente para usar na esfregação.
- Lavar o reservatório, esfregando e enxaguando a superfície interior, visando remover o máximo possível das sujidades.
- Retirar toda a água suja das lavagens e fechar o registro de limpeza da caixa.
- Encher o reservatório de água e adicionar o desinfetante na concentração/tempo ou pré-diluir o mesmo de acordo com a recomendação do fabricante e distribuir a solução uniformemente por toda a superfície interna do reservatório. Desprezar ou utilizar a água na limpeza da tubulação e/ou outros itens da instalação.
- Encher o reservatório com água limpa e fresca.
- No caso de instalações com suínos abrir imediatamente o registro de saída.

Observações:

- Os produtos e materiais utilizados na limpeza devem ser de uso exclusivo, para evitar contaminação química ou microbiológica do reservatório.
- Em instalações que possuem animais, esse procedimento deve ser realizado nas horas mais frescas do dia e os animais não podem ficar sem água disponível por mais de uma hora.

Ações imediatas

Caso a água seja contaminada após a limpeza do reservatório, refazer a limpeza e solucionar a causa da contaminação.

Padrão Operacional 03

Distribuir água na propriedade

Resultado esperado da tarefa

Distribuir a água na propriedade garantindo qualidade da mesma no sistema de criação.

Materiais necessários

- Termômetro.
- Copo dosador.

Atividades críticas

- Conduzir a água do reservatório até os bebedouros sem deixar que sofra aquecimento, contaminação ou vazamentos.
- A temperatura da água não deve ser superior a 25°C.
- Certificar-se de que a água chega ao bebedouro na vazão adequada à fase do suíno.
- Para matrizes na maternidade e gestação coletiva, chupeta dois e concha três litros por minuto por bebedouro.
- Para gestação com cela com bebedouro individual, chupeta um e meio e concha dois litros por minuto.
- Nos crechários a vazão deve ser de um a um e meio litros por minuto.
- Medir a vazão semanalmente.
- Manter o bebedouro posicionado de tal forma a permitir o acesso imediato do suíno à água e minimizar a umidade nas baias.
- A altura das chupetas ou bate boll, deve estar regulada de dois a três centímetros acima da linha dorso-lombar do animal.
- Manter os bebedouros tipo concha sempre limpos e em bom estado de conservação.
- Manter um bebedouro para cada 10 a 12 leitões na fase de creche.

Ações imediatas

- Se a temperatura da água estiver acima de 25°C, identificar a causa e executar ações corretivas imediatas.
- Verificar diariamente a funcionalidade dos bebedouros e se houver sinais de vazamento buscar a ação corretiva imediata.

Padrão Operacional 04 Higienizar baias e salas vazias (crechários e UPLs)

Resultado esperado da tarefa

Baias limpas e desinfetadas, visando garantir a sanidade e o bem estar animal.

Materiais necessários

- Pá.
- Vassoura.
- Escova.
- Macacão.
- Detergente.
- Copo dosador.
- Desinfetante.
- Bomba de alta pressão.

Atividades críticas

Limpeza seca

- Iniciar a limpeza seca logo após a saída dos animais.
- Retirar da instalação os equipamentos desmontáveis (ex.: comedouros, lâmpadas, escamoteadores, pisos plásticos e grades desmontáveis).
- Remover o esterco incrustado no piso, nas partes superiores da parede, canaletas e corredores.

Limpeza úmida

- Iniciar logo após a limpeza seca.
- Desligar a energia elétrica da pocilga.
- Molhar toda a superfície da pocilga com água (forro, pilares, paredes, cortinas, piso e canaletas) com uma solução detergente.
- Deixar a solução impregnar, por um período conforme recomendação do fabricante do produto utilizado.
- Lavar o forro e cortina de cima para baixo.

- Limpar toda a superfície da pocilga com bomba de água de alta pressão, no sentido do forro para o chão, e da frente para o fundo da baia (no sentido da canaleta, e incluindo a mesma). Se necessário, utilizar vassoura e escova.
- Retirar a água parada sobre o piso, nos comedouros e/ou bebedouros.
- Deixar secar.
- Lavar os equipamentos retirados da instalação e deixá-los secar preferencialmente ao sol.
- Certificar-se que não ficou resíduo algum de esterco ou sujeira incrustado no piso e paredes.

Desinfecção

- Realizar a desinfecção no dia seguinte, somente depois da instalação estar seca.
- Utilizar o desinfetante conforme a orientação do fabricante na quantidade e diluição do produto a ser usado.
- Utilizar seringa ou medidor para fazer a diluição correta do produto a ser utilizado.
- Aplicar a solução em todas as superfícies e equipamentos do ambiente a serem desinfetados, deixando-os totalmente molhados com a solução.

Vazio sanitário

- Manter o ambiente sem animais, com cortinas, janelas e portas fechadas até a entrada do próximo lote.
- Se a granja está planejada para dar sete dias entre a saída de um lote e a entrada de outro, o vazio sanitário deve ser de cinco dias (um dia limpeza, um dia desinfecção e cinco dias vazio).

Recomendações gerais

- O operador deve certificar-se que não é alérgico aos produtos a serem utilizados para limpeza e desinfecção.
- Manter limpo e organizado o ambiente externo das pocilgas.

Ações imediatas

Caso tenha ocorrido problema sanitário no lote anterior, realizar nova desinfecção duas horas antes do novo alojamento.

Padrão Operacional 05 **Receber e adaptar leitões e machos de reposição**

Resultado esperado da tarefa

Leitões e machos de reposição corretamente adaptados nas granjas.

Materiais necessários

- Carregador.
- Tábua de manejo.
- Baia.
- Maravalha.
- Bebedouro.
- Comedouro.
- Ração medicada.
- Agulhas hipodérmicas e seringas.
- Medicamentos.
- Vacinas.
- Ficha de controle.

Atividades críticas

- Conferir a documentação com o transportador (linhagem, GTA, Certificado Sanitário de Granja GRSC, nota fiscal), arquivando-os por cinco anos na propriedade.
- Realizar a descarga de maneira tranquila, utilizando carregador adequado e tábua de manejo.
- Conduzir os animais até a baia previamente limpa e desinfetada com espaço de 2 m² para leitões e de 6 m² por macho, contendo maravalha de procedência confiável, utilizando-a durante os primeiros dez dias.
- Disponibilizar imediatamente após a descarga, água limpa, fresca, em vazão e qualidade adequada. Fornecer ração somente após quatro horas da chegada dos animais.
- Avaliar as características dos animais recebidos (especificamente tetos, aprumos e condições sanitárias).

- Adotar o programa de arraçamento, conforme Padrão operacional 10 - Alimentar leitoas e matrizes, utilizando ração medicada durante os primeiros 15 dias da chegada. Em granjas com maior desafio sanitário, aplicar na chegada, antibiótico de longa ação (sempre seguindo orientação da assistência técnica).
- Usar a ficha de controle (Ficha de Adaptação e Anotação do Cio das Leitoas) para identificar a moosa, data de nascimento, peso e as datas dos três primeiros cios.
- Fazer adaptação colocando fezes de porcas velhas do plantel nas baias das leitoas (duas pás por baia duas vezes ao dia durante os 20 dias após a chegada).
- Vacinar as leitoas sete dias após a chegada, de acordo com Padrão operacional 21 - Conservar vacinas e vacinar animais.
- Realizar o manejo reprodutivo conforme Padrão operacional 07 - Manejar leitoas até a cobertura.

Ações imediatas

Caso o produtor receba um animal com características indesejadas para a reprodução, este deve acionar a assistência técnica para que proceda a substituição do animal conforme critérios para reposição.

Padrão Operacional 06

Descartar porcas e introduzir leitões de reposição

Resultado esperado da tarefa

Manter um plantel com bom potencial reprodutivo e boas condições sanitárias.

Materiais necessários

- Seringa.
- Bastão marcador.
- Tábua de manejo.
- Agulha hipodérmica.

Atividades críticas

- Descartar as fêmeas que apresentam qualquer das seguintes ocorrências anotando na ficha ocorrência com reprodutores:
 - ausência de cio em leitões até 30 dias de alojamento com efetivo diagnóstico do cio com macho adulto ou reagrupá-las para seguir no manejo diário de diagnóstico de cio;
 - apresentarem problemas severos nos aprumos e cascos;
 - que não tiverem no mínimo 12 tetas funcionais;
 - duas repetições seguidas de cio;
 - fêmeas com problemas sanitários que possam comprometer a produtividade no parto subsequente;
 - a partir do sexto parto, somente manter matrizes no plantel se tiverem bom histórico reprodutivo (leitões nascidos, leitões desmamados, peso ao desmame);
 - que não manifestarem cio até 30 dias após o desmame (anestro);
 - fêmeas que abortarem após 40 dias de gestação, uma vez que seja por doenças infecciosas;
 - tiverem dois partos com baixo número de leitões nascidos (menor que sete);
 - que apresentarem problemas relacionados com complexo MMA (Mastite, Metrite, Agalaxia) que não responderem ao tratamento medicamentoso.

- Introduzir leitoas que apresentem aprumos, órgãos reprodutivos íntegros, adequado número e distribuição das tetas (mínimo seis pares) e boa condição sanitária no momento da aquisição.
- As leitoas devem atender também as seguintes características:
 - as leitoas devem ser de granjas certificadas (GRSC);
 - as leitoas devem ser adquiridas em lotes mensais e equivalentes correspondendo a reposição de 40% ao ano;
 - idade das leitoas de cinco a seis meses que apresentem ganho de peso médio diário mínimo de 650 gramas desde o nascimento (100kg aos 154 dias de idade).
- Recomenda-se manter uma taxa de reposição anual do plantel em 40% para estimular a imunidade do rebanho e um bom potencial reprodutivo.
- É necessário ter um bom processo de seleção das leitoas junto às granjas multiplicadoras para não ter problemas junto aos produtores de leitões.
- Ao descartar as fêmeas, identificar com bastão marcador e colocar em baias separadas do plantel reprodutivo.

Ações imediatas

Se as leitoas chegarem com características inadequadas, descarregar e comunicar imediatamente a equipe técnica para avaliação técnica e ação corretiva.

Padrão Operacional 07

Manejar leitoas até a cobertura

Resultado esperado da tarefa

Futura matriz pronta para a vida produtiva.

Materiais necessários

- Ficha individual.
- Caneta.
- Bastão marcador.
- Relógio.
- EPIs: botas, luvas e protetor auricular.

Atividades críticas

- De posse da ficha individual da leitoa (Ficha de Adaptação e Anotação do Cio das Leitoas), iniciar o manejo reprodutivo.
- No dia seguinte a chegada das leitoas na granja, iniciar o manejo de estimulação de cio das leitoas, utilizando macho maduro (acima de dez meses de idade), por um período mínimo de 15 minutos por vez, duas vezes ao dia.
- Ao diagnosticar o cio, anotar na ficha da leitoa a data, formando os lotes e garantindo que todas as leitoas entrem em contato com o macho.
- Estas leitoas que apresentam cio devem ser expostas ao macho somente após 15 dias da identificação do cio.
- Cobrir as leitoas com no mínimo 200 dias de idade e 135 kg de peso vivo, respeitando o segundo ao quarto cio.
- As fêmeas que não apresentarem cio até 30 dias devem ser reagrupadas para seguir no manejo diário de diagnóstico com o macho.

Ações imediatas

- As leitoas que não apresentarem o primeiro cio, até os 190 dias de idade, recomenda-se que seja utilizado medicação específica, conforme orientação da assistência técnica, permanecendo a orientação de não realizar a cobertura no primeiro cio.
- Caso a leitoa continue sem apresentar cio após a medicação, esta deve ser substituída, conforme critério para reposição de acordo com o padrão operacional 06 - Descartar porcas e introduzir leitoas de reposição.

Padrão Operacional 08

Manejar porcas em pré-cobertura

Resultado esperado da tarefa

Ter uma fêmea apta para a cobertura.

Materiais necessários

- Tábua de manejo.
- Pá.
- Vassoura.

Atividades críticas

- Avaliar individualmente as fêmeas desmamadas, permanecendo somente aquelas que apresentarem condições para a próxima cobertura (cascos, aprumos, escore corporal, número de nascidos).
- Agrupar as porcas desmamadas por tamanho e escore corporal em lotes de cinco a dez porcas, em baias ou em boxes individuais, próximas aos machos.
- Manter um espaço de três metros quadrados por porca quando em baias coletivas.
- Estimular o cio das porcas duas vezes ao dia com intervalo de 8 horas. Para baias coletivas, colocar o macho nas baias com as fêmeas e para boxes, fazer os machos circular a frente dos boxes.
- Fornecer ração de lactação à vontade e de boa qualidade, do desmame até a cobrição.
- Fornecer água limpa e fresca á vontade.
- Manter a baia e/ou box limpo (prevenir incidência de infecções urogenitais).
- Avaliar fêmeas com corrimentos genito-urinários.
- Realizar a cobertura das fêmeas até o sétimo dia após desmama-cio.
- Recomenda-se realizar exames de urina periodicamente (duas vezes por ano, ou com maior frequência quando se tem uma alta incidência de infecção urinária no rebanho).

Ações imediatas

- Caso fêmeas apresentarem corrimentos genitais ou alterações urinárias, tratar conforme orientação técnica.
- Caso fêmeas não entrarem em cio até o sétimo dia após a desmama, cobri-las no próximo ciclo.

Padrão Operacional 09

Manejar porcas em gestação

Resultado esperado da tarefa

Garantir boa quantidade e qualidade dos leitões no parto.

Materiais necessários

- Balança.
- Caneco / concha.
- Relógio.
- Termômetro.
- Tábua de manejo.

Atividades críticas

- Alojamento das fêmeas preferencialmente em baias individuais após a cobertura e, no caso de alojamento coletivo, mantê-las no mesmo grupo de cobertura.
- Manter as fêmeas em ambiente calmo nos primeiros 30 dias de gestação.
- Alimentar as fêmeas duas vezes ao dia em horários determinados, pela manhã e à tarde. Conforme Padrão operacional 10 - Alimentar leitões e matrizes.
- Para confirmar a prenhez, passar o macho entre 18 e 23 dias após a cobertura da fêmea.
- Fornecer água em quantidade e qualidade adequada a uma temperatura de 12°C a 25°C.
- Manter no plantel de fêmeas da granja uma taxa anual de reposição de 40%.
- Para vacinações, seguir protocolo conforme Padrão operacional 21 - Manejar, estocar e vacinar.
- Avaliar o escore corporal das fêmeas para cada fase da gestação.

Ações imediatas

- Caso a fêmea estiver com escore corporal inadequado, ajustar manejo de arraçoamento.
- Em caso de retorno ao cio, reavaliar as condições da fêmea, para possível descarte.

Padrão Operacional 10

Alimentar leitões e matrizes

Resultado esperado da tarefa

Arraçar adequadamente as leitões e matrizes, otimizando a performance produtiva.

Materiais necessários

- Balança.
- Dosador (concha).
- Carrinho.
- Tabela ração.

Atividades críticas

- Fazer a limpeza do comedouro ou calha onde será servida a ração.
- Aferir o dosador conforme cada partida de ração fazendo uso da balança.
- Observar se a ração apresenta aspectos ou características normais.
- Disponibilizar a ração a ser usada no carrinho ou dispositivo de arração conforme realidade da granja.
- Fazer o arração das categorias animais conforme Tabela de ração sugerida pelo fornecedor.
- Seguir a seguinte frequência de arração:
 - fêmeas em Gestação: duas vezes ao dia;
 - fêmeas em Lactação: quatro vezes ao dia;
 - leitões de Reposição e Fêmeas Desmamadas: à vontade.
- Após o arração, identificar os animais que não se alimentaram, para posterior correção de causas.
- Fêmeas com escore corporal inadequado (muito magras ou muito gordas) devem ter seu consumo ajustado.
- O escore corporal deve ser avaliado juntamente com a assistência técnica.

Ações imediatas

- Caso ocorra na maternidade fêmeas que após o arraçamento rotineiro expressem o desejo de consumir maior quantidade, esta deve ser fornecida.
- Em situações adversas como baixo consumo, vômitos ou diarreia, consultar a assistência técnica.

Padrão Operacional 11

Transferir porcas para a maternidade

Resultado esperado da tarefa

Porcas alojadas na maternidade com o mínimo estresse e com segurança evitando perdas produtivas.

Materiais necessários

- Tábua manejo.
- Água corrente.
- Sabão
- Desinfetante.
- Escova.
- Pulverizador.
- EPIs (botas ou botinas e protetor auricular).

Atividades críticas

- Identificar os animais a serem transferidos, de acordo com previsão de parto, formação de lotes.
- Respeitar um mínimo de três dias antes da data provável do parto, mas o ideal são sete dias.
- Conduzir os animais com calma, evitando estresse.
- Lavar bem as fêmeas com água e sabão antes de transferi-las para a maternidade.
- Conduzir a fêmea até o local da higienização ou na própria baia de gestação.
- A lavagem deve ser feita da frente para trás e de cima para baixo, dando atenção especial para as regiões perianal, aparelhos locomotores e mamário e orelhas.
- Realizar a desinfecção das porcas com uma solução desinfetante de acordo com orientação técnica.
- A transferência deve ser realizada nas horas mais frescas do dia, e conduzir os animais com calma sem agressões, ruídos e gestos bruscos.

Padrão Operacional 12

Assistir ao parto e leitões recém-nascidos

Resultado esperado da tarefa

Realizar o parto, garantindo a integridade da fêmea e a sobrevivência dos leitões recém-nascidos.

Materiais necessários

- Luvas.
- Iodo Glicerinado (10%).
- Tesoura desinfetada.
- Barbante.
- Pó secante ou maravalha.
- Caixa de assistência ao parto.
- Antibiótico injetável.
- Lubrificante (vaselina).
- Termômetro de máxima e mínima.
- Papel toalha.
- Água limpa.
- Balde.
- Caneta.
- Luvas de toque.
- Lâmpada.
- Lâmpada infravermelha ou campânula.
- Seringa.
- Agulha hipodérmica.
- Ficha da matriz.

Atividades críticas

- Identificar o momento do parto através da presença de ejeção de leite pelas mamas e pelo comportamento da porca.
- Preparar o escamoteador com fonte de aquecimento e cama (quando possível uma hora antes do parto).
- Limpar o posterior da fêmea, aparelho mamário e cela parideira.

- Somente deve ser realizada a intervenção ao parto depois de esgotadas todas as possibilidades de que o parto seja normal, mesmo antes de tal procedimento deve-se saber que o intervalo entre nascimento de leitões pode ser de até duas horas.
- Fêmea apresentando contração: levantá-la, fazer deitar do outro lado, massagear o flanco sentido da cabeça para a cauda, permanecendo o problema deve-se intervir através de toque (sempre utilizar luvas descartáveis de toque e medicação injetável para a fêmea após o procedimento).
- Fêmea não apresentando contração: massageá-la na região do aparelho mamário, tentando estimular a contração, caso não resolva o problema, aplicar fármacos conforme orientação da assistência técnica, para estimular as contrações.
- Propiciar ambiente seco e aquecido no local do nascimento dos leitões utilizando pó secante ou maravalha.
- Assim que nascido, secar o leitão o mais rápido possível, usando pó secante ou maravalha.
- O leitão que nasce com o cordão umbilical curto, amará-lo imediatamente após o nascimento. Enquanto que os demais leitões, aguardar de 15 a 20 minutos e amarrar o cordão umbilical de três a quatro centímetros abaixo do umbigo (utilizar barbante mergulhado em desinfetante) e cortá-lo um centímetro abaixo da amarração.
- Realizar a desinfecção do coto umbilical até a base, mergulhando-o em lodo Glicerinado, num frasco de plástico de três a cinco segundos.
- No inverno, em dias muito frios, instalar lâmpada infravermelha ou campânula próximo ao aparelho mamário.
- Orientar o leitão à primeira mamada.
- Deixar os sete primeiros leitões nascidos mamar, e após fechá-los no escamoteador, garantindo que os próximos a nascer mamem o colostro sem competição, alternando a mamada de cada grupo a cada meia hora.
- Certificar-se que ocorreu o nascimento de todos os leitões e que a fêmea eliminou as placentas.
- Após o término do parto, abrir o escamoteador e deixar todos os leitões mamar;
- Garantir que todos os leitões tenham acesso ao colostro nas primeiras seis horas de vida.

- Após o parto monitorar as fêmeas, observando o consumo de ração, febre (temperatura acima 39,5°C) e sendo necessário proceder tratamento com antibiótico e antitérmico, conforme orientação da assistência técnica.
- Recolher todos os resíduos do parto (placenta, natimortos, mumificados) dentro de um balde, para serem direcionados à composteira.
- Anotações na ficha própria ao resultado do parto: leitões nascidos vivos, natimortos e mumificados.

Observação:

Para granjas que trabalham com indução de parto, fazer a identificação das fêmeas a receberem o protocolo 24 horas antes do horário que se quer o parto, massageando o aparelho mamário e identificando a presença de leite. As matrizes que não apresentarem leite devem receber o protocolo conforme orientação do médico veterinário.

Ações imediatas

- No caso de leitões nascerem “afogados” secá-los, limpar bem a boca mantendo-os de cabeça para baixo e massageá-los até que comecem a respirar.

Padrão Operacional 13

Manejar porcas pós-parto e durante a lactação

Resultado esperado da tarefa

Manter matrizes com boa produção de leite e escore corporal adequado para a próxima cobertura.

Materiais necessários

- Ficha individual das matrizes.
- Termômetro de máxima e mínima.
- Termômetro clínico.
- Agulhas hipodérmicas.
- EPIs (luvas, botas).
- Seringa.
- Vacinas.
- Desinfetantes.
- Pá.
- Vassoura.

Atividades críticas

- Logo que iniciar o parto, limpar o úbere da porca com uma solução desinfetante, antes de colocar os leitões para mamar, como medida preventiva para diarreia dos leitões.
- Manter a sala de maternidade com temperatura interna próximo a 18°C.
- No dia do parto não fornecer ração para as porcas. Posteriormente, seguir o programa de arraaçoamento conforme o Padrão operacional 10 - Alimentar leitões e matrizes.
- Fornecer água em quantidade e qualidade adequada em temperatura de 12°C a 25°C.
- Logo após o parto, recolher a placenta e os leitões mortos, destinando-os para a composteira.
- Realizar limpezas diárias com raspagem e varredura das salas de maternidade e nos escamoteadores.
- Aplicar vacina reprodutiva (Parvovirose, Leptospirose e Erisipela) de sete a 15 dias após o parto de acordo com o período de lactação, conforme a recomendação do médico veterinário.

- Anotar na ficha individual da fêmea (Controle Reprodutivo de Matrizes) todos os acontecimentos ocorridos no período.
- No caso de enxertia de leitões, priorizar fêmeas com bom aparelho mamário.
- Em primíparas, manter um leitão por teto viável, para estimular todas as glândulas mamárias.

Ações imediatas

- Caso observar a temperatura da água acima de 25°C e abaixo de 12°C, identificar a causa e buscar a ação corretiva.
- Para as fêmeas que não se alimentarem no período de lactação, medir a temperatura retal e medicar se necessário, conforme a recomendação técnica.

Padrão Operacional 14

Desgastar dentes, cauterizar caudas, aplicar ferro e identificar leitões

Resultado esperado da tarefa

Dentes desgastados, cauda cauterizada, ferro aplicado e leitões identificados de maneira eficiente, sem interferir no seu desempenho.

Materiais necessários

- Desgastador de dentes.
- Aplicador de ferro.
- Seringa.
- Agulhas hipodérmicas.
- Mossador ou tatuador.
- Cauterizador de cauda.
- Bastão marcador.

Atividades críticas

- Fechar os leitões de cada leitegada para realizar os procedimentos, utilizando uma caixa específica e não o escamoteador.
- No turno seguinte ao nascimento, desgastar os dentes, cauterizar a cauda e identificar os leitões.
- Realizar o desgaste dos oito dentes caninos, alojando a cabeça do leitão na palma de uma das mãos, introduzindo o dedo indicador e polegar nos cantos da boca, com a outra mão efetuar o desgaste dos dentes.
- Fazer o corte da cauda utilizando o cauterizador, deixando três centímetros de comprimento.
- Identificar os leitões nas orelhas com um mossador (com o número da granja fornecido pelo técnico), seguindo o método australiano de massagem ou através de um tatuador específico.
- Aplicar ferro dextrano no terceiro dia de idade dos leitões, com uma seringa e agulha hipodérmica ou aplicador específico da seguinte forma:
 - segurar o leitão de maneira que o pescoço fique imóvel;
 - apoiar o dedo polegar, pressionando a pele para que não haja refluxo;
 - introduzir a agulha hipodérmica por via intramuscular perpendicular a tábua do pescoço, cerca de um centímetro atrás da orelha;

- injetar o ferro dextrano, na quantidade de 200 mg por leitão, com agulha hipodérmica 15X10;
- utilizar uma agulha hipodérmica para cada leitegada.
- Após cada procedimento certificar-se que os leitões receberam a sua dose de ferro.

Ações imediatas

- Em caso de refluxo do ferro, realizar novamente a aplicação do produto.

Padrão Operacional 15

Manejar leitões durante a lactação

Resultado esperado da tarefa

Leitões desmamados, sadios e uniformes.

Materiais necessários

- Seringas.
- Agulhas hipodérmicas.
- Bastão marcador.
- Comedouro acessório.
- Ração maternidade.
- EPIs (botas, luvas e protetor auricular).

Atividades críticas

- Uniformizar numericamente os leitões de acordo com o número de matrizes paridas no mesmo dia.
- O manejo de transferência de leitões deve ser realizado somente entre 12 e 24 horas após o nascimento.
- Identificar uma fêmea não primípara com bom aparelho mamário para enxertar os leitões pequenos.
- Manter o escamoteador seco e limpo e com a temperatura de 32° a 28° conforme a idade dos leitões. Quando a temperatura ambiente for adequada ao leitão, usar apenas uma lâmpada fria para iluminação do escamoteador.
- Nos primeiros dois dias de vida orientar os leitões a entrar no escamoteador pelo menos duas vezes ao dia na hora da alimentação da porca.
- Verificar a vazão e qualidade de água disponíveis nos bebedouros dos leitões.
- Aos cinco dias de idade, servir pequena quantidade de ração maternidade aos leitões, para que tenham o primeiro contato com a ração.
- Após oito dias de idade até o desmame, servir quantidade suficiente de ração para alimentar os leitões.
- Para os leitões fracos, deve-se utilizar comedouro acessório com ração maternidade umedecida e aplicar um modificador orgânico ou vitamina ADE.

- Leitões com artrite ou machucados, devem receber medicação conforme orientação da assistência técnica.
- Leitões com diarreia devem ser tratados conforme orientação da assistência técnica.

Ações imediatas

- Caso houver alta ocorrência de diarreia, identificar o motivo e buscar ação corretiva.
- Caso observar leitões com *splay-leg* (pernas abertas), vulvovaginite, tetas inflamadas, necrose de cauda, leitões com tremores, dentre outras anormalidades, identificar a causa e buscar apoio na assistência técnica para solucionar o problema.

Padrão Operacional 16 Castrar leitões

Resultado esperado da tarefa

Leitões castrados, sem risco de infecção na ferida cirúrgica.

Materiais necessários

- Cabo de bisturi.
- Balde.
- Lâmina de bisturi.
- Luvas.
- Solução desinfetante.
- Sabão neutro.
- Fio sutura.
- Cicatrizante.

Atividades críticas

- Castrar os leitões até dez dias de idade.
- Imobilizar o leitão deixando acessível o local da cirurgia.
- Limpar o local do corte que pode ser escrotal ou inguinal (água e sabão neutro e/ou solução de iodo).
- Realizar um corte longitudinal com tamanho suficiente para expor o testículo.
- Liberar o testículo e retirar por tração.
- Após a retirada do testículo, aplicar sobre o corte um cicatrizante, seguindo orientação da assistência técnica.
- Realizar a operação em um ambiente higiênico.
- Soltar o leitão na baía da fêmea para ele se proteger no escamoteador.

Ações imediatas

- Caso houver infecção no local do procedimento cirúrgico, recomenda-se a utilização de antibiótico injetável, conforme orientação da assistência técnica.

Observação

Também poderá ser feita a imunocastração, que é um método não cirúrgico

Padrão Operacional 17 Desmamar leitões

Resultado esperado da tarefa

Leitões desmamados com o estresse minimizado.

Materiais necessários

- Comedouro acessório.
- Aquecedor de creche.
- Tábua de manejo.
- Ração maternidade.
- Seringa.
- Agulha hipodérmica.
- Aplicadores.

Atividades críticas

- Realizar o desmame sempre nas datas pré-estabelecidas para cada lote.
- Retirar primeiro as porcas das celas parideiras e em seguida os leitões, conduzindo-os posteriormente até o local de carregamento.
- A condução dos leitões deve ser realizada com auxílio de tábua de manejo, de forma lenta em grupos pequenos. No verão, realizar em horários com temperatura mais amena e no inverno nas horas mais quentes do dia.
- O crechário que vai receber os leitões deve estar limpo e desinfetado, conforme o Padrão operacional 04 - Higienizar baias e salas vazias – crechários e UPLs, com água disponível e temperatura das salas entre 26°C e 28°C (pré-aquecida).
- Ao chegar ao crechário, o leitão com menos de 6,5kg de peso vivo deve receber: 500g de ração maternidade, e leitão com mais de 6,5kg de peso vivo deve receber ração pré-inicial 01, conforme prevê o Padrão operacional 22 - Alimentar leitões na creche.
- Os leitões menores e machucados devem ser alojados em uma baia separada dos demais e fornecer em um comedouro acessório ração maternidade umedecida, com hidratantes conforme a orientação da assistência técnica.

Observação:

Anotar na Ficha de Controle de produção da granja os dados da Ficha Controle reprodutivo de matrizes.

Padrão Operacional 18

Identificar cio

Resultado esperado da tarefa

Identificação do melhor momento para realização da inseminação ou monta natural.

Materiais necessários

- Ficha individual.
- Caneta.
- Bastão marcador.
- Caderneta de anotação.

Atividades críticas

- Retirar o rufião de sua baia e conduzi-lo até a frente das matrizes ou dentro das baias coletivas durante 15 minutos (de manhã e á tarde).
- Preconizar o contato “focinho-focinho” entre o rufião e a fêmea.
- Fazer pressão no lombo e flanco das matrizes enquanto estimuladas pelo rufião.
- A fêmea no cio apresenta as seguintes características:
 - permanece imóvel durante o contato com o macho;
 - vulva avermelhada, úmida e aumentada de tamanho;
 - orelhas em posição vertical – “em pé”;
 - porcas inquietas na gaiola;
 - movimentação de salto sobre as outras fêmeas.
- Marcar as matrizes que apresentarem cio com o bastão marcador (reflexo de tolerância ao macho - RTM), em cima do pescoço.
- Levar o macho de volta para sua baia.
- Para as fêmeas que entraram no cio, anotar a data e horário na ficha (Controle de cobertura de matrizes).
- Recolher as fichas e conduzir as fêmeas que apresentaram cio para o local de inseminação.
- As doses de sêmen já devem estar programadas conforme Padrão operacional 19 - Solicitar, transportar, receber e conservar o sêmen.
- Como rufião usar machos com bom libido e com maior idade.

Observação:

Fêmeas com corrimento anormal não devem ser inseminadas, tratá-las de acordo com a recomendação técnica e inseminá-las no próximo cio.

Ações imediatas

- Se a fêmea repetir cio três vezes, deve ser descartada do plantel.
- Intervir com tábua de manejo quando o macho rufião judiar as porcas nas baias coletivas.

Padrão Operacional 19 **Solicitar, transportar, receber e** **conservar o sêmen**

Resultado esperado da tarefa

Sêmen de boa qualidade disponível para inseminação.

Materiais necessários

- Bloco para receber pedido.
- Acondicionador – caixa térmica.
- Conservadores de sêmen.
- Termômetro.
- Ficha de controle da temperatura do conservador.

Atividades críticas

Pedido do Sêmen

- Solicitar as doses necessárias de sêmen para a CIA (Central de Inseminação Artificial) com o prazo de 24 horas de antecedência – via telefone, e-mail ou outro meio de comunicação.

Transporte de Sêmen (produtor)

- O sêmen deve estar acondicionado em caixas térmicas preenchidas em 90% de seu espaço, com sêmen e/ou jornal.
- Evitar a exposição direta da luz solar e variações bruscas de temperatura (caixa térmica).

Recebimento de Sêmen

- Conferir as doses e pipetas conforme o pedido e nota fiscal.
- Acondicionar o sêmen no conservador, que deve estar em temperatura de 15°C a 18°C.

Conservação do Sêmen

- Manter a temperatura interna do conservador de sêmen de 15°C a 18°C, verificando com termômetro de máxima e mínima.
- Monitorar a temperatura interna diariamente, anotando em ficha de controle a temperatura mínima e máxima (Ficha de controle da temperatura do conservador).
- As bisnagas de sêmen não devem ser colocadas em pé, para evitar aglutinação do sêmen.
- Movimentar suavemente as bisnagas de sêmen duas vezes ao dia, manhã e noite.
- Seguir rigorosamente o período de viabilidade/utilização das doses.

Ações imediatas

- Caso a temperatura do conservador não permanecer entre 15°C e 18°C solicitar o reparo imediato do conservador, sob pena de inviabilizar o sêmen.
- Se as doses de sêmen não chegarem no horário previsto, o suinocultor deve entrar em contato com a CIA, para identificar o problema e solucionar imediatamente.

Padrão Operacional 20

Realizar cobertura (inseminação artificial ou monta natural)

Resultado esperado da tarefa

Matrizes inseminadas conforme o procedimento padrão.

Materiais necessários

- Bisnaga de sêmen.
- Pipeta descartável.
- Lixeiro.
- Papel toalha.
- Relógio.
- Tesoura.
- Caixa de isopor.
- EPIs (protetor auricular e luvas).

Atividades críticas

Inseminação artificial

- **Observação:** sempre que possível fazer a inseminação artificial.
- O fluxo de inseminação deve seguir a seguinte ordem: leitões, fêmeas desmamadas.
- Confirmar se a fêmea está no cio, utilizando rufião acima de dez meses de idade.
- Retirar o sêmen, que já foi preparado e conservado conforme o Padrão operacional 19 - Solicitar, transportar, receber e conservar o sêmen, e transportá-lo até a inseminação em caixa de isopor.
- Posicionar o rufião em frente das fêmeas já identificadas a serem inseminadas (máximo cinco fêmeas por vez).
- Granjas que possuem cinta ou cela de inseminação, colocá-la na fêmea a ser inseminada.
- Limpar a vulva da fêmea utilizando papel toalha.
- Desembalar a pipeta descartável, expondo somente 1/3 da mesma.
- Cortar a ponta da bisnaga com uma tesoura.
- Lubrificar a ponta da pipeta com o sêmen (pouca quantidade).

- Com os dedos polegar e indicador abrir a vulva para evitar entrada de sujeira.
- Introduzir a pipeta em um ângulo de 45° no sentido do dorso.
- Verificar se a pipeta está fixada no colo uterino, puxando levemente.
- Adaptar a bisnaga de sêmen na extremidade da pipeta e levantar a mesma.
- Pressionar a bisnaga levemente (a inseminação deve durar no mínimo cinco minutos).
- Retirar a bisnaga e deixar a pipeta fechada por aproximadamente três minutos.
- Retirar a pipeta com movimentos suaves.
- Anotar na Ficha controle reprodutivo de matrizes: dia, número do macho.
- As fêmeas podem receber até três inseminações, variando conforme o Reflexo de Tolerância ao Macho (RTM) e protocolo da tabela abaixo:

Protocolo de inseminação

Leitoas e porcas de cinco a seis dias IDC:	Porcas de três a quatro dias IDC:
1ª dose - 12 horas após RTM	1ª dose - 24 horas após RTM
2ª dose - 24 horas após RTM	2ª dose - 36 horas após RTM
	3ª dose - 48 horas após RTM

- A terceira dose somente será feita se a fêmea estiver extremamente parada.
- Porcas com IDC (Intervalo Desmame Cio) maior que sete dias não devem ser inseminadas, aguardar o próximo cio.

Monta natural

- **Observação:** a monta natural somente deve ser utilizada na impossibilidade da utilização da inseminação artificial.
- Levar a fêmea até a baia de cobertura.
- Limpar a vulva da fêmea utilizando papel toalha.
- Trazer o macho até a baia de cobertura.
- Acompanhar e auxiliar o momento da cobertura.
- Adotar duas montas, para leitoas ou porcas, mantendo o intervalo de 24 horas entre elas. Para porcas com Intervalo de Desmame Cio (IDC) de até quatro dias, realizar uma terceira cobertura 12 a 24 horas após a segunda cobertura.

- Realizar a cobrição após o fornecimento da ração e nas horas mais frescas do dia (início e final do dia).

Ações imediatas

- Quando não fixar bem a pipeta e notar refluxo, reposicionar a pipeta.

Padrão Operacional 21

Conservar vacinas e vacinar animais

Resultado esperado da tarefa

Animais vacinados adequadamente com vacinas bem conservadas.

Materiais necessários

- Vacinas.
- Geladeira.
- Seringas e aplicadores.
- Agulhas hipodérmicas.
- Cachimbo.
- Ficha individual.
- Termômetro de máxima e mínima.
- Recipiente com tampa.
- Caixa de isopor.
- EPIs (protetor auricular, botas ou botinas e luvas).

Atividades críticas

- Acondicionar as vacinas em geladeira exclusiva para este fim, com temperatura mínima de 2°C e máxima de 8°C, contendo um termômetro de máxima e mínima para monitoramento diário da temperatura.
- Certificar-se da limpeza e integridade de seringas, aplicadores e agulhas hipodérmicas.
- Escolher o calibre adequado da agulha hipodérmica conforme a categoria animal.
- Definir a dose, tipo de vacina e protocolo vacinal de acordo com a recomendação de assistência técnica.
- Levar as vacinas até o local da aplicação em caixas de isopor, devidamente fechadas.
- Imobilizar o animal com o cachimbo.
- Certificar-se que o local da aplicação da vacina esteja devidamente limpo.
- Usar uma agulha hipodérmica para retirada da vacina do frasco e outra para aplicação.
- Agitar bem o frasco antes da retirada da vacina.

- Tracionar a pele utilizando o polegar e introduzir a agulha hipodérmica na região do músculo do pescoço, num ângulo de 90 graus, evitando refluxo.
- Aplicar a dose conforme tabela a seguir:

Categoria animal	Doenças (tipos vacinas)	Via aplicação	Agulha
Leitoas e Porcas	Parvo/Lepto/Erisipela	IM *	40 X 15
Leitoas e Porcas	Rinite Atrófica	IM	40 X 15
Leitoas e Porcas	Colibacilose	IM	40 X 15
Leitões	Mycoplasma	IM	15 X 10
Leitões	Circovírus	IM	15 X 10

* intramuscular

- A vacina reprodutiva (Parvovirose/Leptospirose/Erisipela) para leitoas deve ser realizada em duas doses. A primeira dose deve ser realizada logo após o primeiro cio e a segunda dose 15 dias após. Para as porcas, deve ser realizada uma dose, dez dias após o parto.
- A vacina de Rinite Atrófica para as leitoas deve ser realizada em duas doses, aos 80 dias de gestação e aos 95 dias de gestação. Para porcas, realizar uma dose aos 95 dias de gestação.
- A vacina de Colibacilose para as leitoas deve ser feita em duas doses, aos 80 dias de gestação e aos 95 dias de gestação. Para porcas, realizar uma dose aos 95 dias de gestação.
- A vacina de Mycoplasma deve ser realizada na primeira semana de vida do leitão.
- A vacina de Circovirose deve ser realizada no desmame do leitão.
- Após a aplicação das vacinas, lavar em água limpa e sabão neutro todos os materiais (seringa, agulhas hipodérmicas e aplicadores) enxaguando de maneira eficiente, ferver o material e guardar seco em recipiente limpo e com tampa.
- A agulha hipodérmica deve ser trocada a cada dez aplicações ou quando necessário.
- Agulhas hipodérmicas com bixel torto ou enferrujadas devem ser descartadas.

Observação:

As vacinas utilizadas, bem como o esquema de vacinação podem ser modificados em função de problemas sanitários da integração, sob orientação veterinária ou de acordo com o fabricante.

Ações imediatas

- No caso de temperatura abaixo de 2°C e acima de 8°C na armazenagem da vacina estas devem ser descartadas.
- Quando ocorrer quebra da agulha hipodérmica, deve-se marcar o animal e avisar o frigorífico no momento do abate.
- Quando ocorrer a formação de abscesso no local de aplicação da vacina, rever o manejo de aplicação e desinfecção.
- Se ocorrer refluxo no momento de aplicação da vacina, repetir a dose.
- Vacinar os machos para parvo, renite e circovírus, uma dose a cada seis meses.
- Outras vacinas, de acordo com cada granja, conforme orientação técnica/fabricante (Hps, App...).

Padrão Operacional 22

Alimentar leitões na creche

Resultado esperado da tarefa

Leitões saudáveis, uniformes, com boa conversão alimentar e bom ganho de peso.

Materiais necessários

- Comedouros.
- Comedouros auxiliares.
- Carrinhos.
- Concha.
- Balança.
- Vassoura.
- Pá.
- Ficha de acompanhamento de lote.
- Caneta.

Atividades críticas

- Arraçoar imediatamente após a chegada. Para leitões abaixo de 6,5kg, iniciar usando a ração maternidade. Para leitões acima de 6,5kg, iniciar usando a ração pré-inicial 01.
- Definir a quantidade de ração por classificação, fornecendo a quantidade descrita abaixo para cada leitão:

Tipo de ração	Quantidade
Ração maternidade	0,5 kg
Ração pré-inicial 01	3,5 kg
Ração pré-inicial 02	6,5 kg
Ração inicia	10,0 kg

Comedouro Linear (uma boca por leitão)

- Limpar o comedouro antes de fornecer a ração.
- Fornecer a ração sempre que o comedouro estiver sem ração no mínimo sete vezes ao dia na primeira semana de creche.
- Na segunda semana, fornecer a ração no mínimo seis vezes por dia.
- A partir da terceira semana, fornecer a ração no mínimo cinco vezes por dia.
- É importante ter comedouro auxiliar para os leitões menores, para fornecer a ração umedecida.
- Pesquisar a ração fornecida diariamente por baia, fornecendo a quantidade de ração por leitão, conforme a tabela acima.

Comedouro automático

- Limpar o comedouro antes de fornecer a ração.
- Fornecer a ração sempre que o comedouro estiver sem ração, atendendo as quantidades previstas por fase, conforme descrito na tabela acima.
- Regular o comedouro de forma a não haver desperdício.
- Fornecer a ração duas vezes ao dia, garantindo a qualidade da ração.
- Regular a vazão da água para somente umedecer a ração.
- A quantidade de leitões por comedouro deve ser conforme a capacidade do mesmo, baseado na recomendação técnica.
- Manter um comedouro auxiliar por baia na primeira semana para fornecer ração umedecida.
- Pesquisar a ração fornecida diariamente por baia, fornecendo a quantidade de ração por leitão, conforme a tabela acima.

Fornecimento de água

- Disponibilizar água fresca, limpa e com qualidade à vontade, em temperatura de 12°C a 25°C.
- A vazão dos bebedouros deve ser de um a um e meio litro por minuto. A checagem de vazão deve ser feita semanalmente.
- Para bebedouro do tipo concha, manter limpo.
- Para bebedouro do tipo chupeta regulável, ajustar a altura em dois a três centímetros acima do dorso do leitão.
- Disponibilizar um bebedouro para cada 10 a 15 leitões.
- É importante que o padrão de bebedouro seja o mesmo que já foi utilizado na maternidade, para facilitar a adaptação do leitão na creche.

Ações imediatas

- Em caso de haver ração quente, deteriorada ou envelhecida, retirar imediatamente do comedouro.
- Em caso de falta de ração, restabelecer o fornecimento em menor quantidade por vez, aumentando gradativamente até normalizar, conforme o descrito acima.
- Casos de atraso da chegada da ração, verificar o motivo e providenciar o abastecimento imediatamente.
- Caso a temperatura da água estiver fora do padrão, identificar a causa e buscar a ação corretiva.
- Caso a vazão dos bebedouros estiver fora do padrão, identificar a causa e buscar a ação corretiva.

Padrão Operacional 23

Manejar leitões na creche

Resultado esperado da tarefa

Leitões saudáveis, uniformes, com boa conversão alimentar e bom ganho de peso.

Materiais necessários

- Termômetro.
- Agulhas hipodérmicas.
- Seringas.
- Pulverizador costal.
- EPIs (luvas e botas).
- Ficha de lote.
- Caneta.
- Bastão marcador.
- Balança.
- Aquecedor.
- Nebulizador.

Atividades críticas

Alojar Leitões

- Antes de alojar os leitões, as baias devem estar limpas e desinfetadas conforme o Padrão operacional 04 - Higienizar baias e salas vazias - crechários e UPLs.
- Ao chegar os leitões, a temperatura da instalação deve ser de 26°C a 28°C, devendo permanecer assim durante 14 dias do alojamento, reduzindo gradativamente a temperatura de tal forma que fique próxima aos 24°C até a saída dos leitões da creche.
- Disponibilizar água à vontade, fresca, limpa e com qualidade, em temperatura de 12°C a 25°C e com vazão de um a um e meio litro por minuto. Inspeccionar a vazão diariamente e a temperatura semanalmente.
- A instalação deve dispor de baias enfermarias, para recuperação dos leitões que refugarem, adoecerem e precisarem ser reclassificados. Alojar leitões em todas as baias, exceto nas baias de enfermaria.
- Logo após a chegada dos leitões, fazer a classificação por tamanho e sexo.

- Fornecer espaço suficiente para os leitões. Se for piso suspenso, até três leitões por m² e para demais tipos de piso 2,2 leitões por m².
- Se o piso não for suspenso, limpar os corredores e baias no mínimo duas vezes por dia.
- Seguir o programa de arraçoamento conforme o Padrão operacional 22 - Alimentar leitões na creche.

Aquecer as instalações

- Manejar as cortinas para promover a renovação do ar, evitar as correntes de vento, formação de gases, mantendo a temperatura nos níveis acima estabelecidos.
- Ao manejar a cortina, tomar cuidado para manter mais fechada do lado que predomina o vento e mais aberta do lado oposto. Abrir a cortina quando a temperatura estiver 2°C acima.
- Colocar estufa adicional em instalações e regiões onde há grande variação de temperatura.
- Acionar o equipamento quando a temperatura estiver abaixo da desejada.
- Controlar as oscilações da temperatura diária, a qual não deve variar mais do que 6°C entre a mínima e a máxima.

Identificar problemas com leitões

- Durante o arraçoamento e limpeza das baias, verificar a ocorrência de diarreia, refugagem e outros problemas, identificando os leitões com bastão marcador.
- Conduzir os leitões com problemas para a baia enfermaria e identificar o problema.
- Mediar individualmente via injetável, na água ou na ração, de acordo com o problema identificado e utilizando os produtos recomendados pela orientação técnica.

Nebulizar ambiente

- Verificar se o equipamento está limpo e funcional. O equipamento deve ser de uso exclusivo para este fim.
- Nebulizar diariamente, com solução desinfetante recomendada pela assistência técnica e dosagem conforme a orientação do fabricante.
- Fazer a nebulização com as cortinas fechadas, por um período de 20 minutos com bico de gota fina. Evitar executar a tarefa em temperaturas baixas (menor que 20°C).
- Em casos especiais, principalmente nos casos de problemas respiratórios, seguir orientação técnica.

Inspeção do crechário

- O crechário deve ser inspecionado quatro vezes ao dia tomando sempre o cuidado para não agitar os leitões, observando:
 - comportamento dos leitões;
 - temperatura ambiente;
 - alimentação dos leitões;
 - desperdício ou falta de ração;
 - vazamento nos bebedouros;
 - higiene das baias;
 - leitões doentes.

Observações:

- Ao entrar na sala, tentar manter o ambiente calmo.
- A partir da terceira semana de alojamento, iniciar o carregamento dos leitões que tenham peso ideal (mínimo de 18kg) para a fase de terminação.

Ações imediatas

- Em caso de ocorrência de problemas graves, avisar assistência técnica para uma ação imediata.
- Quando a variação de temperatura for superior a 6°C, esta deve ser controlada com manejo de cortinas, nebulizador ou aquecedores.

Padrão Operacional 24

Controlar moscas (larvas e adultos)

Resultado esperado da tarefa

População de moscas sob controle, evitando danos econômicos à propriedade e transmissão de doenças.

Materiais necessários

- Pulverizador costal.
- Porta-iscas.
- Placas para pincelar.
- Barbantes.
- Balde para pré-mistura.
- Inseticida.
- EPIs (máscara facial, luvas, camisas longas, botas, calça, boné e óculos).

Atividades críticas

- Elaborar o croqui da propriedade (aves; suínos; leite; galpão; esterqueiras; silos; moradia; etc).
- Detalhar o croqui por instalação, identificando as subdivisões internas (divisórias de salas, salas de maternidade, de creche, baias de terminação etc.).
- Identificar os pontos críticos de infestação, definindo os pontos de aplicação do produto, internos e externos (corredores, canaleta de dejetos, esterqueiras, composteiras, bordas superiores de cortinas, etc).
- Preparar os produtos e materiais necessários para aplicação conforme orientação do fabricante.
- Aplicar o produto nos pontos de infestação:
 - pulverizar as superfícies das instalações conforme a indicação do produto a ser utilizado para o controle de moscas adultas e larvas;
 - distribuir os produtos nos pontos de iscagem conforme a indicação do produto a ser utilizado;
 - pincelar as placas e superfícies indicadas para a aplicação do produto.
- Preencher a Ficha de controle de aplicação de inseticida para controle de moscas, conforme anexo, toda a vez que fizer uso do produto.

- Realizar a vistoria semanal dos pontos de iscagem para verificar o controle, limpando e recolhendo as moscas mortas e reaplicando as iscas se necessário
- Limpar e organizar as instalações, arredores, galpões, gramados, depósitos, de forma a evitar pontos de criação de moscas.

Observações:

- Para instalações de suínos e bovinos evitar o acúmulo de dejetos que facilita a proliferação de larvas.
- Manejar adequadamente as canaletas, esterqueira e composteira de maneira que o material compostado não facilite a proliferação de moscas.

Ações imediatas

- Em casos de acidente quando manipular os produtos, procurar assistência médica levando o rótulo do produto usado.

Padrão Operacional 25

Controlar ratos

Resultado esperado da tarefa

Controlar ratos (camundongos, ratazanas e ratos de telhados).

Materiais necessários

- Porta-isca com identificação.
- Arame para fixar isca.
- Martelo.
- Pregos.
- Alicates.
- Furadeira.
- Estacas para fixar porta-isca.
- Lanterna.
- Vassoura para limpar cano de PVC.
- Raticida.
- Croqui da propriedade.
- Planilha de controle.
- Escada.
- EPIs (máscara facial e luvas).

Atividades críticas

- Elaborar o croqui da propriedade (aves; suínos; leite; galpão; esterqueiras; silos; moradia; etc), denominando cada uma das instalações.
- Detalhar o croqui por instalação, identificando as subdivisões internas. Ex. salas de maternidade, salas de creche, baias de terminação etc.
- Identificar os pontos críticos de infestação e definir os pontos de iscagem. (Parte externa; cercas, muretas, caixas de passagem de dejetos, canaletas de dejetos, barrancos, vegetação alta etc. Parte interna: corredores, muretas, portas, canos que descem do telhado etc. Parte superior do galpão: caixas de água, forro, linhas automáticas de ração etc.).
- Vistoriar os arredores das instalações (gramados, esterqueiras, composteiras, taipa de pedra, bueiro, depósito de lenha, etc) para identificar tocas e anotar no croqui.
- Preparar os porta-iscas (caixa porta-isca ou cano PVC 100mm – 0,50 metros, furado no centro).

- Identificar ou numerar os porta-iscas com o adesivo específico para a identificação ou no cano de PVC, com caneta (que não apaga a escrita).
- Instalar os porta-iscas nos locais definidos no croqui. Utilizar o raticida bloco para pontos externos e iscas para pontos internos.
- Preencher o formulário SAG Planilha de Gerenciamento de Controle de Roedores, conforme anexo sempre que fizer uso do produto.
- Realizar a vistoria dos pontos de iscagem a cada sete dias.
- Realizar a limpeza seca dos porta-iscas (poeira, fezes, teias de aranha, etc).
- Trocar as iscas quando identificar que as mesmas encontram-se estragadas (mofadas).
- Repor o raticida quando houver consumo.
- Avaliar e ajustar se necessário a localização dos pontos de iscagem conforme os sinais de infestação e consumo.
- Vistoriar os arredores das instalações (gramados, esterqueiras, composteiras, etc) para identificar tocas e anotar no croqui.
- Aplicar o raticida direto nas tocas.
- Limpar e organizar as instalações, arredores, galpões, gramados, depósitos, de forma a evitar pontos de criação de ratos.
- Destinar para a composteira os ratos mortos encontrados e os raticidas eliminados.

Observações:

- Aumentar o número de pontos de iscagem onde houver consumo elevado de raticida.
- Colocar novos pontos de iscagem onde tiver sinais de infestação (fezes, manchas de gordura), e não tiver pontos de iscagem.

Ações imediatas

- Em caso de acidente e contaminação com os produtos usados tomar providências imediatas, conforme a ficha de segurança que acompanha o produto.

Padrão Operacional 26

Visita do técnico a propriedade UPL

Resultado esperado da tarefa

Produtor orientado adequadamente para produzir um bom número de leitões/porca/ano (acima de 23 leitões) e um leitão dentro do padrão esperado.

Materiais necessários

- Carro.
- Bota descartável.
- Caneta.
- Check list de visitas.
- Prancheta ou equipamento de informática, quando disponíveis.
- Itens para coleta de material para análise.
- Caixa térmica para transportar o medicamento e as vacinas.

Atividades críticas

- Elaborar a programação de visitas.
- Levantar histórico da propriedade a ser visitada:
 - indicadores técnicos e econômicos;
 - situação ambiental.
- Organizar material de apoio à visita:
 - formulário de orientações técnicas;
 - fita para análise da água;
 - check list;
 - formulário para plano de ação;
 - botas descartáveis;
 - jaleco ou guarda-pó.
- Executar a visita, seguindo os passos abaixo:
 - observar o aspecto geral da propriedade;
 - placa identificadora do produtor;
 - isolamento da propriedade (ex.: portão);
 - limpeza externa;
 - pessoas estranhas;
 - presença de animais domésticos em contato com a instalação;
 - disponibilidade de água corrente para higienização das mãos (Ex. pia);

- realizar entrevista preliminar com o produtor ou responsável, se apresentando e solicitando um relato das ocorrências desde a última visita.

Observações:

Os fatos relevantes devem ser registrados no campo de observações do check list.

Verificar no escritório da propriedade:

- Farmácia (somente medicamentos recomendados, dentro do prazo de validade, e material necessário em boas condições de uso e higiene).
- Documentação: GTA dos reprodutores recebidos (arquivar por cinco anos), certificado de comunicação de mortalidade (quando houver), formulário de atualização de saldos (CIDASC), Licença Ambiental, relatório de visita da CIDASC (quando houver), registro de visitantes, planilha de controle da qualidade da água e laudos laboratoriais dos exames de água e outros, relatórios de orientação técnica, registro de controle de pragas e roedores, GRSC de origem dos reprodutores, protocolo de vacinação orientado pela integradora, programa de orientação de medicação (usos e doses).
- Colocar o material de biossegurança (bota descartável).
- Respeitar o fluxo sanitário da granja (maternidade > creche > reprodutores).

Fábrica de ração:

- Verificar as condições gerais da fábrica e boas práticas de fabricação.

Silos:

- Vazamento.
- Infiltração.
- Proteção do sol.
- Presença de pragas.

Visitar a pocilga e observar:

- Condições gerais do plantel.
- Escore corporal.
- Integridade física (mancando, fraturado...).

- Tosses e/ou espirros.
- Diarréia.
- Uniformidade por lote.
- Condições de conservação e limpeza.
- Desperdício ou falta de ração e água (vazão).
- Temperatura ambiente e da água.
- Manejo correto de cortina e integridade das mesmas.
- Eficiência do controle de pragas e roedores.
- Presença de outros animais dentro das instalações.
- Verificar lotação.
- Verificar a formação dos lotes do plantel.
- Fichas individuais dos reprodutores.
- Condições de bem estar animal.

Na área externa à pocilga, observar:

- Condução e destino dos dejetos.
- Se o lixo e o entulho da propriedade estão sendo destinados adequadamente.
- Destino dos animais mortos e manejo da composteira.
- Condições da vegetação ao redor da pocilga.
- Existência de mata ciliar.
- Condições de acesso à propriedade.
- Condições da rampa de embarque e desembarque de animais.
- Concluir o check list.
- Elaborar o plano de ação para a correção das não conformidades, quando necessário.
- Ao longo da visita, deve-se orientar o produtor sobre como corrigir as irregularidades constatadas, certificando-se de que ele entendeu as recomendações.
- Após a conclusão do check list o técnico preenche o formulário de orientação técnica e quando necessário elabora plano de ação.

Ações imediatas

Caso o produtor não entender as recomendações feitas pelo técnico, verificar o motivo do não entendimento e refazer a orientação.

Padrão Operacional 27

Visita técnica aos crechários

Resultado esperado da tarefa

Produtor orientado adequadamente para produzir leitões dentro do padrão esperado.

Materiais necessários

- Carro.
- Bota descartável.
- Check list de visitas.
- Prancheta ou equipamento de informática.
- Medidor de vazão de água.
- Calculadora.
- Itens para coleta de material para análise.
- Caixa térmica para transportar o medicamento.
- Termômetro.

Atividades críticas

- Elaborar a programação de visitas.
- Levantar histórico da propriedade a ser visitada.
- Organizar material de apoio à visita.
- Executar a visita, seguindo os passos abaixo:
 - observar o aspecto geral da propriedade;
 - placa identificadora do produtor;
 - condições de acesso à propriedade;
 - isolamento da propriedade (ex.: portão);
 - limpeza externa;
 - pessoas estranhas;
 - colocar o material de biossegurança (bota descartável).
 - realizar entrevista preliminar com o produtor ou responsável, se apresentando e solicitando um relato das ocorrências desde a última visita.

Observação:

Os fatos relevantes devem ser registrados no campo de observações do check list.

Verificar no escritório da propriedade:

- Farmácia (somente medicamentos recomendados, dentro do prazo de validade, e material necessário em boas condições de uso e higiene – seringas, agulhas hipodérmicas, bastão marcador,...).
- Documentação: GTA dos leitões recebidos, Licença Ambiental (exposta na pocilga), Receituário da ração medicada, Tabela de medicação, Relatório de visita da CIDASC (quando houver), Boletim Sanitário e Planilha de Controle da Qualidade da Água.

Visitar a pocilga e observar:

- Condições gerais do lote (alimentares e sanitárias).
- Condições de conservação e limpeza.
- Desperdício ou falta de ração e água.
- Relação peso versus consumo de ração.
- Temperatura ambiente e da água.
- Manejo correto de cortina.
- Animais nas baias de recuperação.
- Eficiência do controle de pragas.
- Presença de outros animais.

Na área externa à pocilga, observar:

- Condução e destino dos dejetos.
- Se o lixo e o entulho da propriedade estão sendo destinados adequadamente.
- Destino dos animais mortos (composteira).
- Condições da mata ciliar.
- Condições da vegetação ao redor da pocilga.
- Condições da rampa de carregamento

Silo:

- Vazamento.
- Infiltração.
- Proteção do sol (orientação).
- Presença de pragas.
- Limpeza interna (local onde são guardados os equipamentos da suinocultura).

- Concluir o check list.
- Elaborar o plano de ação para a correção das não conformidades, quando necessário.
- Ao longo da visita, deve-se orientar o produtor sobre como corrigir as irregularidades constatadas, certificando-se de que ele entendeu as recomendações.

Ações imediatas

- Caso o produtor não entender as recomendações feitas pelo técnico, verificar o motivo do não entendimento e refazer a orientação.
- Em caso de ausência do responsável na propriedade, observar os itens que forem possíveis e deixar as recomendações por escrito na ficha de ações corretivas recomendadas – propriedades.

Padrão Operacional 28

Analisar qualidade da água na propriedade

Resultado esperado da tarefa

Verificar se a água utilizada é adequada para consumo.

Materiais necessários

- Kit de análise da água.
- Material para coleta da água para análise em laboratório.
- Planilha de controle da qualidade da água.

Atividades críticas

- Fazer a análise laboratorial no mínimo uma vez por ano solicitando o material junto ao laboratório.
- Realizar as seguintes análises laboratoriais da qualidade da água coletando-a na saída do bebedouro:

Análises	Padrões
Ph	6,5 a 9,00
Cloro	1 a 2 ppm
Dureza	Até 60 mg/l CaCO ₃
Coliformes Fecais	2NMP/100mL
Coliformes Totais	2NMP/100mL

- Utilizar o kit de análise de água sempre que o técnico julgar necessário.
- Caso este entender que os resultados feitos com kit de análise de água necessitam de análise mais precisa, coletar água de acordo com a observação 1 e enviar ao laboratório. Quando receber os laudos, arquivar com os demais documentos da propriedade pelo período de três anos.

Observação 1:

No momento da coleta observar:

- Limpar o bebedouro e deixar escorrer a água por no mínimo dois minutos.
- Não encostar o frasco de coleta no bebedouro.
- Após a coleta fechar imediatamente o frasco.
- Identificar adequadamente o frasco e ficha de coleta.
- Acondicionar a amostra sob refrigeração.

Observação 2:

- Em se tratando de análise físico química da água contatar o laboratório da Aurora solicitando programação e orientações de coleta.

Ações imediatas

- Quando as análises estiverem fora do padrão buscar ações corretivas para resolver o problema.

Ficha 01 - CONTROLE DE COBERTURAS DE MATRIZES					
Matriz	Data	Hora	Funcionário	Macho	Observação
Assinatura do funcionário					

Ficha 04 - MAPA DE COBERTURA																																							
Período: 01/10/2009 - 24/02/2010																																							
Semana	5ª feira	Meta		Dias/ Semanas de gestação																																			
		Total de coberturas	10	7	14	21	28	35	42	49	56	63	70	77	84	91	98	105	112	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16				
39	01/10/09	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2		
40	08/10/09	7		7	7	6	r	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6			
41	15/10/09	7		7	7	7		7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7		
42	22/10/09	8		8	8	8		8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8		
43	29/10/09	6		6	6	6		6	5	r	5	5	4	r	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		
44	05/11/09	10		10	10	9	r	7	v	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7		
46	19/11/09	1		1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
47	26/11/09	10		10	8	v	7	r	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7		
48	03/12/09	3		3	3	3		3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
49	10/12/09	5		5	5	5		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
50	17/12/09	2		2	2	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
51	24/12/09	9		9	8	r	8	7	r	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	
52	31/12/09	2		2	2	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
1	07/01/10	7		7	7	7		7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	
2	14/01/10	7		7	7	6	r	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	
3	21/01/10	3		3	3	3		3	3	2	r																												
4	28/01/10	7		7	7	7		7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	
5	04/02/10	4		4	4	4		4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	
6	11/02/10	7		7	7	7		7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	7	
7	18/02/10	5		5	5	5		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	

Legenda: a = aborto d = descarte m = morte r = repetição de cio v = dois ou mais tipos de ocorrência

Ficha 06 - CONTROLE DE TEMPERATURA DO CONSERVADOR DE SÊMEN							
Granja:							
Mês:				Mês:			
Data	Hora	Máxima	Mínima	Data	Hora	Máxima	Mínima
1				1			
2				2			
3				3			
4				4			
5				5			
6				6			
7				7			
8				8			
9				9			
10				10			
11				11			
12				12			
13				13			
14				14			
15				15			
16				16			
17				17			
18				18			
19				19			
20				20			
21				21			
22				22			
23				23			
24				24			
25				25			
26				26			
27				27			
28				28			
29				29			
30				30			
31				31			

Ficha 07 - ARRAÇOAMENTO DE LEITOAS, MATRIZES E CRECHES							
Categoria animal	Tipo de ração	Período de uso			Kg/dia - Escore corporal		Medicamentos
		Início	Fim	Nº de dias	Boas	Gordas	
Recría de leitões	Recría UPL	60	120	61	à vontade	à vontade	
Recría de leitões	Recría UPL	121	150	129	2,4 kg	2,4 kg	
Preparação de leitões	Preparação UPL	151	2ºcio + 6 dias	40	2,4 kg	2,4 kg	
Flushing leitões	Flushing UPL	2ºcio + 7 dias	Cobertura	15	3 a 4 kg	3 a 4 kg	
Gestação leitões	Gestação UPL	0	7	7	1,8 kg	1,8 kg	
Gestação leitões	Gestação UPL	8	84	77	2 kg	2 kg	
Gestação leitões	Pré-lactação UPL	85	111	27	3 kg	2,8 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	112		1	2,5 kg	2,5 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	113		1	2,5 kg	2,5 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	114		1	2 kg	2 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	Parto		1	0,5 kg	0,5 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	1		1	2 kg	2 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	2		1	2,5 kg	2,5 kg	
Maternidade leitões	Maternidade UPL	3	Desmama	18	à vontade	à vontade	
Flushing IDC	Flushing UPL	Desmama	Cobertura	5	4 kg	4kg	
Gestação porcas	Gestação UPL	Cobertura	7	7	1,8 kg	1,6 kg	
Gestação porcas	Gestação UPL	8	84	77	2 kg	1,8 kg	
Gestação porcas	Gestação UPL	85	111	27	3,5 kg	3 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	112		1	2,5 kg	2,5 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	113		1	2,5 kg	2,5 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	114		1	2 kg	2 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	Parto		1	0,5 kg	0,5 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	1		1	2 kg	2 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	2		1	2,5 kg	2,5 kg	
Maternidade porcas	Maternidade UPL	3	Desmama	18	à vontade	à vontade	
Flushing IDC	Flushing UPL	Desmama	Cobertura	5	4 kg	4kg	
Categoria animal	Tipo de ração	Período de uso			Leitões desmamados		
		Início	Fim	Nº de dias	Peso 5,5 kg	Peso 6 kg	Peso 6,5 kg
Leitões maternidade	Leitões maternidade	Papinha	Desmame	20	0,25	0,30	0,3
Leitões creche	Leitões creche	Papinha	7 dias	7	2	1,40	1
Leitões creche	Leitões creche	Pré-inicial - 400	15 dias	7	3	3,00	3
Leitões creche	Leitões creche	Inicial 1 - 250	26 dias	10	7	7,00	7
Leitões creche	Leitões creche	Inicial 2 - 50	41 dias	14	11	11,00	11

Ficha 09 - RESUMO DA PRODUTIVIDADE DE CADA LOTE																			
Nº ordem	Cobertura		Data provável do parto	Parto			Transfêrência		Leitões mortos		Desmame		Cio		Data das vacinas	Observações	OP		
	Porca	Macho		Data	NV	MM	Totais	Receb.	Doados	Nº	%	Data	Nº	Data				IDC	
Lote																			
01																			
02																			
03																			
04																			
05																			
06																			
07																			
Totais																			
Lote																			
01																			
02																			
03																			
04																			
05																			
06																			
07																			
Totais																			
Lote																			
01																			
02																			
03																			
04																			
05																			
06																			
07																			
Totais																			
Totais																			
																Médias ou %			
																Nº de partos:			
																% de partos:			
																Nº de cobrições:			

Ficha 09 - RESUMO DA PRODUTIVIDADE DE CADA LOTE																			
Nº ordem	Cobertura		Data provável do parto	Parto			Transfêrencia		Leitões mortos		Desmame		Cio		Data das vacinas	Observações	OP		
	Porca	Macho		Data	NV	NM	MM	Totais	Receb.	Doados	Nº	%	Data	Nº				Data	IDC
01																			
02																			
03																			
04																			
05																			
06																			
07																			
08																			
09																			
10																			
11																			
12																			
13																			
14																			
15																			
16																			
17																			
18																			
19																			
20																			
21																			
22																			
23																			
24																			
Totais																			
Médias ou %																			
Nº de cobrições:																Nº de partos:	% de partos:	Lote Nº:	

Considerações finais

A suinocultura atual exige que o produtor tenha absoluto controle sobre a produção para que os bons resultados apareçam. Conquistar o controle sobre a produção depende, basicamente, de três providências, conforme deixa claro a presente publicação: planejamento e organização da produção, gestão dos índices da produção e aplicação de padrões operacionais. Essas três providências se interligam e se completam. O planejamento e organização da produção faz com que o produtor consiga o máximo resultado das instalações disponíveis, além de manter as condições ideais para o desenvolvimento dos suínos. A gestão dos índices permite que o suinocultor monitore o desenvolvimento dos animais, intervindo sempre que as metas não forem atingidas ainda durante a produção. Os padrões entram em cena sempre que for preciso rever algum ponto do manejo devido a dificuldades apontadas pela gestão dos índices de produção.

Tal forma de conduzir uma granja de suínos pode parecer complexa, mas na verdade é apenas a sistematização de experiências práticas observadas durante do Projeto Leitão Ideal. O programa foi implantado de forma piloto em 12 produtores de leitão da Aurora, sendo oito em Santa Catarina e quatro no Rio Grande do Sul, no decorrer de 2011. O fechamento do primeiro ciclo de produção mostrou que todos os produtores envolvidos conseguiram atingir ou superar a produtividade mínima de 24 leitões/porca/ano. A diferença entre a produtividade anterior ao projeto e a registrada ao final do primeiro semestre de 2011 proporcionou um acréscimo de R\$ 240 mil na renda dos 12 produtores envolvidos. O Projeto Leitão Ideal mostrou que somente ajustes no planejamento, gestão e manejo podem trazer a rentabilidade que o produtor espera.

Referências

ABIEPCS. Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína. **Relatório ABIEPCS 2008**. Disponível em: <<http://www.abiepcs.org.br>>. Acesso em: 17 jul. 2009.

CARNE suína: a conquista do mercado interno. Brasília: ABCS, 2009. 34 p.

CUSTOS de produção de suínos. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2009 Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

EMBRAPA SUÍNOS E AVES. **Cias - Central de Inteligência de Aves e Suínos**. [*home page*]. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

FAO. FAOSTAT. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/>>. Acesso em 14 dez. 2010.

GOMES, M. F. M.; GIROTTO, A. F.; TALAMINI, D. J. D. **Análise prospectiva do complexo agroindustrial de suínos no Brasil**. Concórdia: EMBRAPA–CNPSA, 1992. 108 p. (EMBRAPA-CNPSA. Documentos, 26).

HEIDEN, F. et al. Indicadores da evolução do setor agrícola catarinense - dados preliminares. Grupo de limpeza do LAC, agroindicadores. Disponível em: <<http://cepa.epagri.sc.gov.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2006.

IBGE. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 set. 2009.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003**: perfil das despesas no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 out. 2009.

IBGE. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 set. 2009.

IBGE. **Pesquisa Trimestral do Abate dos Animais**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 out. 2009.

INDICADORES Rurais. Brasília: Confederação Nacional da Agricultura: Brasília, [2009] Disponível em: <<http://www.cna.org.br>>. Acesso em: 16 jul. 2009.

LIMA, R. C. A.; CUNHA FILHO, J. H. da C.; GALLI, F. **O impacto das barreiras sanitárias nas exportações brasileiras de carne in natura**. São Paulo: ICONE, 2004. 19 p. (Documentos ICONE).

MAPA. SIGSIF - Sistema de Informações Gerencias do Serviço de Inspeção Federal. **Quantidade de Abate Estadual por Ano/Espécie**: Suíno/2009. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em 28 out. 2009.

MIELE, M.; MACHADO, J. S. Panorama da carne suína brasileira. **Agro-analysis**, v. 30, n. 1, p. 34-42, 2010.

USDA. Foreign Agricultural Service. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov>>. Acesso em: 17 jul. 2009.



Suínos e Aves

Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

